



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**FLÁVIA POLIANA SERAFIM ALVES**

**DE HILDA HILST: HILLÉ; DE LYGIA FAGUNDES TELLES: LIA,  
LORENA E ANA CLARA; DE CAROLINA MARIA DE JESUS:  
CAROLINA– REPRESENTAÇÕES DE MULHERES**

**CAMPINAS**

**2018**

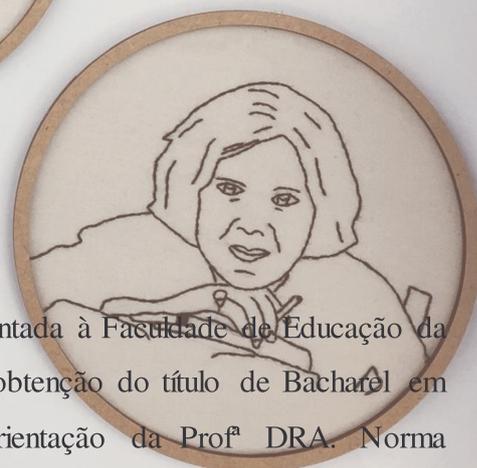
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

FLÁVIA POLIANA SERAFIM ALVES



**DE HILDA HILST: HILLÉ; DE LYGIA FAGUNDES TELLES: LIA,  
LORENA E ANA CLARA; DE CAROLINA MARIA DE JESUS: ELA  
MESMO – REPRESENTAÇÕES DE MULHERES**



Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UNICAMP, para obtenção do título de Bacharel em Pedagogia, sob orientação da Prof<sup>a</sup> DRA. Norma Sandra de Almeida Ferreira.

CAMPINAS

2018

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Educação  
Rosemary Passos - CRB 8/5751

AL87d Alves, Flávia Poliana Serafim, 1991-  
De Hilda Hilst: Hillé; de Lygia Fagundes Telles: Lia, Lorena e Ana Clara; de Carolina Maria de Jesus: Carolina - Representações de mulheres / Flávia Poliana Serafim Alves. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Norma Sandra de Almeida Ferreira.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Hilst, Hilda, 1930-2004. 2. Jesus, Carolina Maria de, 1914-1977. 3. Telles, Lygia Fagundes, 1923-. 4. Literatura. I. Ferreira, Norma Sandra de Almeida, 1950-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais complementares

Titulação: Licenciatura em Pedagogia  
Data de entrega do trabalho definitivo: 13-12-2018

## DEDICATÓRIA

*“Dedico este trabalho a pessoa mais importante da minha vida, aquele que nunca me abandonou e que me fez ser a mulher que sou, Paulo Costa Alves, meu pai.”*

## EPÍGRAFE

“... acontecível isso de alguém ser muito ao mesmo tempo nada, de olhar o mundo como quem descobre o novo, o nojo, o acogulado, e olhando assim ainda ter o olho adíafano, impermissível, *opaco*.”

Hilda Hilst, “*A Obscena Senhora D*, 2016, p.17.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a minha orientadora, Profª Dra. Norma, por ter me acolhido, incentivado. Pela dedicação, empenho e delicadeza em todos os momentos.

À todos da Faculdade de Educação, que contribuíram para que essa graduação fosse concluída.

À minha família, pelos incentivos, apoio e por estar sempre comigo.

À minha irmã, por ter ido comigo na “Casa do Sol”, por me apoiar e entender em todos os momentos.

Aos meus amigos, por aguentarem eu falando sobre este trabalho e por escutarem eu “pirando” com os prazos.

À Andrea Rodrigues Dalcin, por ter aceitado ser a 2ª leitora deste trabalho, e assim dedicando seu tempo em ler, analisar e corrigir este trabalho.

E por último e não menos importante, agradeço ao meu namorado, Douglas, por me acompanhar nos eventos sobre Hilda Hilst, por me escutar e apoiar. E por ter feito este ano mais doce.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como propósitos: 1. Conhecer o itinerário pessoal, intelectual e literário de três escritoras brasileiras, Carolina Maria de Jesus, Lygia Fagundes Telles e Hilda Hilst; 2. Interrogar as imagens de mulheres possíveis de serem inferidas nas obras Quarto de Despejo: diário de uma favelada; As Meninas; A Obscena Senhora D, dessas autoras. A pesquisa contempla um levantamento biográfico e bibliográfico sobre essas escritoras e as obras selecionadas por nós e, também um estudo, de cunho exploratório, das imagens femininas representadas nas obras escolhidas, interrogando-as sobre e como se configuram, na ficção. A leitura e análise de todo o material são orientadas pelos estudos de Roger Chartier (1990; 1996) para pensar o conjunto de obras como objetos culturais possíveis de serem compreendidos nas representações e práticas que eles movimentam e como fonte para a compreensão de aspectos da cultura escrita situada e datada histórica e culturalmente. Tal perspectiva tem orientado os trabalhos do grupo de pesquisa ALLE/FE/Unicamp, no interior do projeto denominado Estudos sobre livros escolares e de literatura para jovens leitores, coordenado pela Profa. Norma Sandra de Almeida Ferreira.

**Palavras-Chave:** Carolina Maria de Jesus, Lygia Fagundes Telles, Hilda Hilst.

## SUMÁRIO

DEDICATÓRIA .....	4
EPÍGRAFE .....	5
AGRADECIMENTOS .....	6
RESUMO .....	7
INTRODUÇÃO .....	9
Percursos .....	9
Conheci e me apaixonei por Hilst.....	12
A pesquisa.....	19
Uma visão biográfica sobre as autoras .....	22
Caminhos teóricos e metodológicos .....	24
Capítulo 1 – Pesquisa sobre produções acadêmicas .....	27
Capítulo 2 – Biografias .....	34
2.2. Leia-me, não me deixe morrer .....	41
2.3. Vi Deus e ele era uma mulher preta.....	48
Capítulo 3 – Análises das obras .....	50
3.1. A Obscena Senhora D.....	50
3.2. As meninas.....	56
3.2. Quarto de despejo, diário de uma favelada.....	61
Considerações Finais .....	65
Referências Bibliográficas .....	67
ANEXO - PESQUISA SOBRE A PRODUÇÃO ACADÊMICA.....	70

## INTRODUÇÃO

### Percursos

Descobri a magia do livro aos nove anos, quando no segundo ano do Ensino Fundamental, minha professora Marly Rangel, me emprestou o livro Pollyanna, de Eleanor H. Porter<sup>1</sup>.

Provavelmente interessada em me tornar leitora de literatura, esta professora usava como estratégia um livro em que a protagonista tinha o mesmo nome que eu. Chamo-me Flávia “Poliana”, poderia ser por influência que esta obra teve entre leitores de várias gerações, no nosso país, no entanto, meu pai apenas quis um nome que rimasse com o dele, que é Paulo, uma vez que minha avó materna queria Flávia.

Depois de Pollyanna, vários livros estiveram em minhas mãos. Talvez tenha sido enredada pela história da menina que em condições adversas (morte do pai, falta de dinheiro, vivência com uma tia rica, porém distante física e sentimentalmente, entre outros) enfrentou uma nova vida com otimismo, simpatia, otimismo e generosidade. Depois, de Pollyanna, outras tramas de amor e de aventura, com protagonistas ou personagens mulheres a lutar pelos seus desejos e sonhos, como Emília do Sítio do Picapau Amarelo do autor Monteiro Lobato, Hermione da série Harry Potter da autora J. K. Rowling, Mafalda do Quino, Ifemelu de Americanah da autora Chimamanda Ngozi Adichie, Celie de A Cor Púrpura de Alice Walker, Jane Eyre da autora Charlotte Brontë, Hillé de A Obscena Senhora D da autora Hilda Hilst, entre outras, colaboraram para a construção do meu um gosto pelos livros, pela literatura e pela arte.

Ao fazer graduação, entre leituras de textos acadêmicos – dos campos da Pedagogia, Psicologia, Sociologia, Filosofia etc. – outras foram feitas de literatura, por escolha pessoal, por

---

<sup>1</sup> Pollyanna, romance da estadunidense, Eleanor H. Porter (1868-1920), foi publicado pela primeira vez em 1931, alcançando sucesso imediato junto aos leitores, ganhando muitas traduções e edições pelo mundo. No Brasil, foi traduzido por Monteiro Lobato e editado pela Companhia Editora Nacional, em 1934. Pollyanna, hoje, é considerado um clássico da literatura infanto-juvenil e tem conquistado novas gerações de leitores. Tem sido adaptado para as telas, na forma de filmes (1920; 1960) e novelas brasileiras (TV Tupi, 1956; SBT 2018). Foi responsável por cunhar no campo da Psicologia e Sociologia a expressão “princípio de Pollyanna”, usada para especificar uma interpretação do mundo pelo lado positivo e otimista. FONTE: <https://pt.wikipedia.org/wiki>. Disponível em 03/10/2018.

indicação de colegas, por “obrigação” nas diferentes disciplinas que cursei. Mas desde o início do curso, sabia que meu Trabalho de Conclusão de Curso seria sobre “literatura”, só não tinha noção sobre o quê.

Pensei na possibilidade de desenvolver uma pesquisa sobre Hilda Hilst, autora bastante lida por mim e que conheci em uma busca pela internet por nomes de escritoras “revolucionárias”. Que ao meu ver/ forma de pensar, seria mulheres ousadas, criativas, originais; capaz de causar espantos e mudanças no modo de pensar e agir. Escritoras que bem diferentes da Eleanor H. Porter criavam na ficção um mundo de mulheres com pensamentos críticos, políticos e independentes. Mas como desenvolver uma pesquisa sobre uma escritora literária, em um curso de Pedagogia? Que sentidos teria para a minha formação estudar esta autora e suas obras?

Segundo Michele Petit: “(...) A literatura não é uma experiência separada da vida; a literatura, a poesia e a arte estão também na vida; é preciso prestar atenção” (2012, p. 292), e unir pontos: livros, experiências, minha futura atuação como educadora. A literatura quando invadida por nós é uma (re) construção de nós mesmos para que possamos reconhecer e recolocar mais em nossas palavras, mais em nossos projetos.

A leitura literária (compreendida como patrimônio cultural a ser transmitido entre gerações) tem cada vez menos espaço para ampla faixa de cidadãos, conforme destaca Ceccantini (2009),

(...) fazendo-se presente a leitura de títulos de caráter utilitário (como, por exemplo, os livros de auto-ajuda ou obras de natureza religiosa) ou de títulos voltados sobretudo ao entretenimento. Isso, quando a leitura não é preterida, pura e simplesmente, pela leitura vinculada a outras tantas linguagens e suportes de circulação (jornais, revistas, filmes, DVD, videogames, internet, etc.) onde leitores vão buscar doses de ficção e informação de que sentem vontade. Segundo esse autor, ainda lê-se pouco no Brasil, na medida em que grandes faixas da população permanecem em posição periférica em relação à leitura, e quando se pensa em uma dimensão qualitativa, seja no que concerne aos suportes (livros ou outros materiais de leitura), à escolha de obras (literárias ou não literárias), e à consistência e profundidade das leituras realizadas. (p.209).

Nessa direção, desenvolver uma pesquisa assumindo que a prática de ler literatura é aquela que mobiliza diferentes sentidos de interpretação, pode provocar um efeito de surpresa e estranhamento no leitor e que instaura certo modo de interlocução que aproxima e afasta diferentes imaginários, sensibilidades, subjetividades, torna-se importante na formação de leitores, campo que passarei a atuar como professora depois de formada. Cabe à escola um

trabalho que ensine a ler literatura (prática de leitura distinta daquela que se faz com textos normativos ou informativos, por exemplo) para aqueles que poderão dela usufruir ou não (como opção) e que poderão reconhecê-la ou não como uma das expressões culturais escolhidas como de “excelência” por grupos ligados ao sistema literário, mas que a eles não poderá ser negado esse direito. (FERREIRA, 2012).

E assim, ao meu interesse e à minha convicção em trabalhar literatura na interface com a educação juntaram-se a sorte de ser aceita por uma professora que abraçou a ideia, com muito entusiasmo. E assim..

## Conheci e me apaixonei por Hilst

Ao invés de Morte  
Te chamo Poesia  
Fogo, Fonte, Palavra viva  
Sorte.

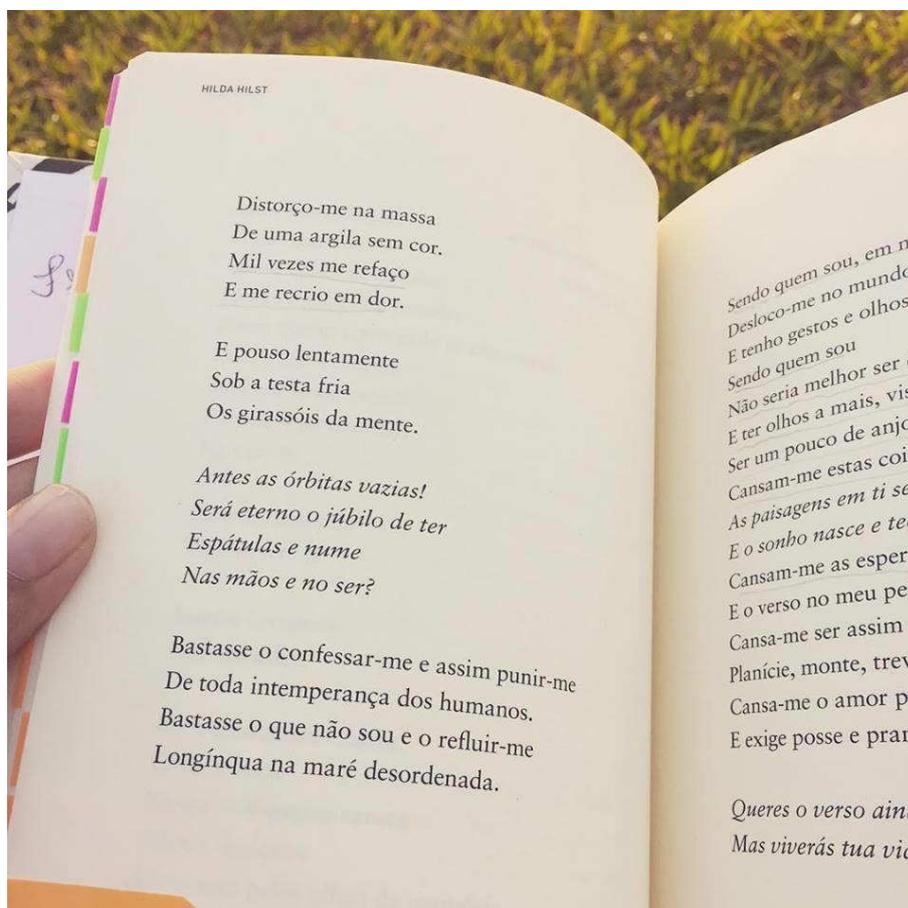
Hilda Hilst, “Da morte. Odes mínimas”, XIX, 2017, p.238.

No caminho percorrido entre Eleanor H. Porter a Hilda Hilst tornei-me mulher e também uma leitora ávida e mais exigente. De histórias acalentadoras, românticas e de final feliz, passei a buscar também aquelas que me punham a refletir e a sonhar, como os livros de Clarice Lispector, Sylvia Plath, Virginia Woolf, Chimamanda Ngozi Adichie, Ana Cristina César, Alice Walker, J.K. Rowling, Anne Rice, Sarah J. Maas, Emily Brontë, Charlotte Brontë, Carolina Maria de Jesus, Lygia Fagundes Telles, entre outras, pelo uso estético-literário da linguagem. Histórias narradas por escritoras- mulheres que sensibilizadas com o “desejo de narrar, que dilata, sem vantagens, mas também sem prejuízos, as potencialidades da imaginação e da fantasia (...)”. (Zilberman, 2009, p.128) colocam o mundo sob suspense e a vida para ser questionada.

E Hilda Hilst, a senhora que morara em Campinas – SP, apresentou-se a mim como uma autora revolucionária e de muitas obras, irreverente e corajosa, conforme podemos ler na epígrafe que abre este texto: “Ao Ao invés de Morte/Te chamo Poesia/Fogo, Fonte, Palavra viva/Sorte. (HILST, 2017, P 238).

Os títulos sugestivos dos seus livros e os comentários de leitores sobre fragmentos de sua produção, disponíveis na internet, fizeram que de imediato, eu corresse para comprar um de seus livros, impresso. Guardo até hoje a data da primeira leitura de sua poesia feita por mim: 7 de novembro de 2016, pois tirei foto e publiquei em uma rede social (Instagram) a poesia que mais me impactou.

Foto 1: Minha primeira poesia



Fonte: Acervo Pessoal

Hilst, Hilda. Exercícios. 1. Ed. – São Paulo: MEDIAfashion,2012.

É um (re) encontro com versos fortes sem perder a doçura nas rimas, e com uma narradora-lírica que se “distorce”, se “refaz”, se recria”, que basta o “que não sou” na “maré desordenada”. A cada verso ou trecho (re) encontro-me ou me perco: construo um gosto por este jeito de dizer e me apaixono por Hilda Hilst, me buscava. E, desde essa primeira leitura, dei início a uma nova saga: “precisava ler tudo sobre esta mulher e saber tudo sobre ela”. Comprei todos os seus livros. Li e reli partes ou inteiros, mais de uma vez.

Elaborei um projeto de pesquisa para desenvolver o Trabalho de Conclusão de Curso, exigência para o término da graduação, em Pedagogia, na Unicamp, no primeiro semestre de 2016. Apresentei-o à professora que aceitou ser a orientadora deste trabalho e desenvolveu uma pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC/UNICAMP), no período de agosto de 2017 a julho de 2018.

A minha paixão por Hilda Hilst se estendeu para mais duas escritoras, Carolina de Jesus e Lygia Fagundes Telles. Carolina por ser uma mulher negra, favelada, quase sem estudo, que escrevia com coração e muita verdade, Lygia pela sua plenitude, pelos toques fantásticos em suas histórias e por ser uma mulher, escritora viva, membro da Academia Brasileira de Letras. Em trio, se tornaram meu objeto de pesquisa de Iniciação Científica. Mas a minha preferência sempre foi por ela: Hilda.

Dia 17 de junho de 2017, um sábado ensolarado, mas com frio, visitei, com a minha irmã e seu pai, a “Casa do Sol”, residência de Hilda Hilst e atualmente o Instituto que traz seu nome.<sup>2</sup>

Foto 2: Portão da Casa do Sol



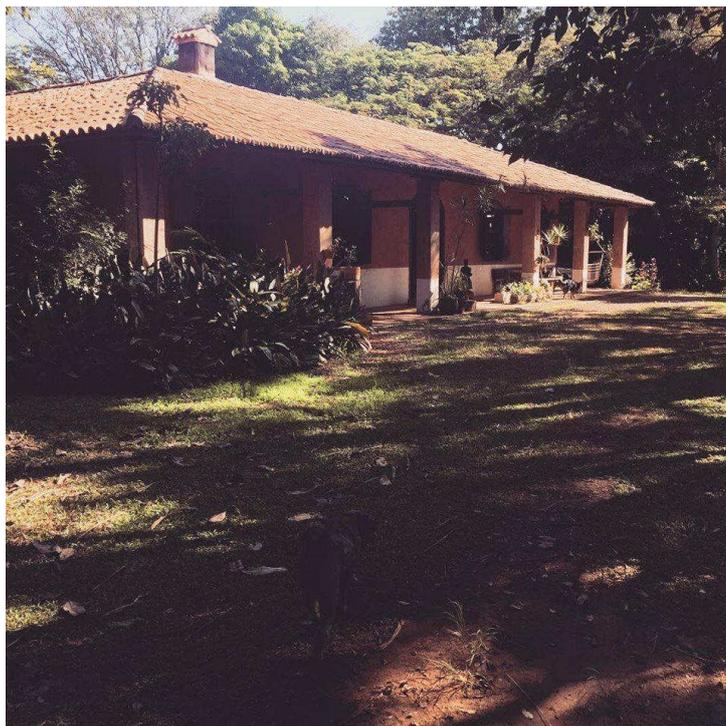
Fonte: Arquivo Pessoal

---

<sup>2</sup> A “Casa do Sol” fica localizada na Rua João Caetano Monteiro S/N, Quadra B, Chácara Casa do Sol, Pq Xangrilá, em Campinas/SP.

O Instituto que busca disseminar e preservar a moradia, o acervo pessoal da autora, seus manuscritos, móveis, objetos, livros. Fundado em 2005, pelo escritor José Luís Mora Fuentes, atualmente recebe pesquisadores e leitores de diferentes partes do país.

Foto 3: Casa do Sol



Fonte: Arquivo Pessoal

Fomos recebidas por vários cachorros e por Olga Bilenky, artista plástica e amiga de Hilda Hilst desde 1970. Ela é moradora da Casa do Sol desde 1976 e atual responsável, junto com o filho, Daniel Fuentes, pelo Instituto.

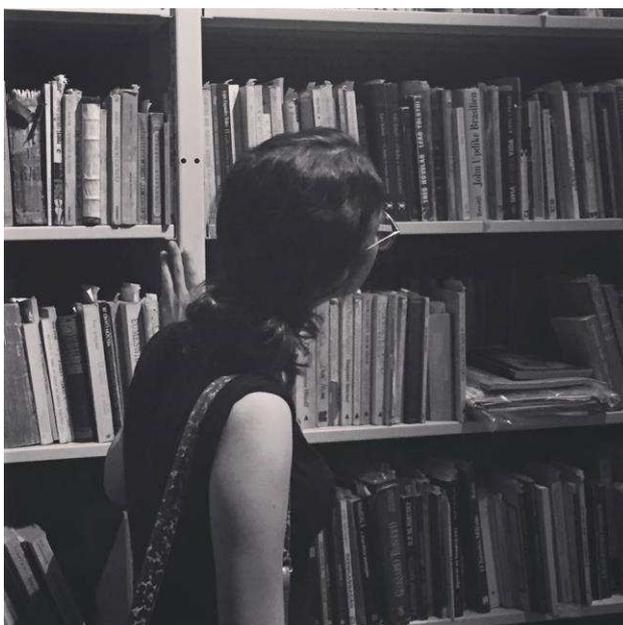
Foto 4: Cachorro no banco de pedra embaixo da figueira



Fonte: Arquivo Pessoal

Olga nos mostrou a antiga figueira do local, a qual Hilda acreditava realizar pedidos em dia de lua cheia e o banco de pedra, no qual escrevia enquanto a casa era construída. Mostrou-nos também a casa, que é mantida tal como era no tempo de Hilda, adornada por artes, fotos e lembranças. Ademais, vimos a biblioteca pessoal da escritora, com mais de mil obras que, segundo a atual moradora, possuem anotações pessoais de Hilda. São muitos livros que indiciam a autora-leitora que ela foi de um universo cultural bastante amplo e diversificado.

Foto 5: Biblioteca da escritora



Fonte: Arquivo Pessoal

Tomamos um lanche da tarde com Olga, que nos preparou um café e bolo de mandioca. Estar sentada ao lado da artista de cabelos vermelhos fogo, na cozinha de Hilda Hilst, onde tantos artistas passaram, como Lygia Fagundes Telles, Caio Fernando Abreu, Laerte Coutinho e alguns ainda passam, foi inexplicável para mim. Era como se eu fizesse parte daquele mundo de artistas, caminhasse por lugares que, de certo modo, aparecem nas obras da autora, pudesse tocar em objetos que lhe pertenceram e que provavelmente tiveram grande significado por ela. Uma forma de aproximação da obra e da autora que nos toca sensivelmente e nos emociona. Tão distantes na tinta impressa no papel e tão perto dos meus sentimentos, pensamentos.

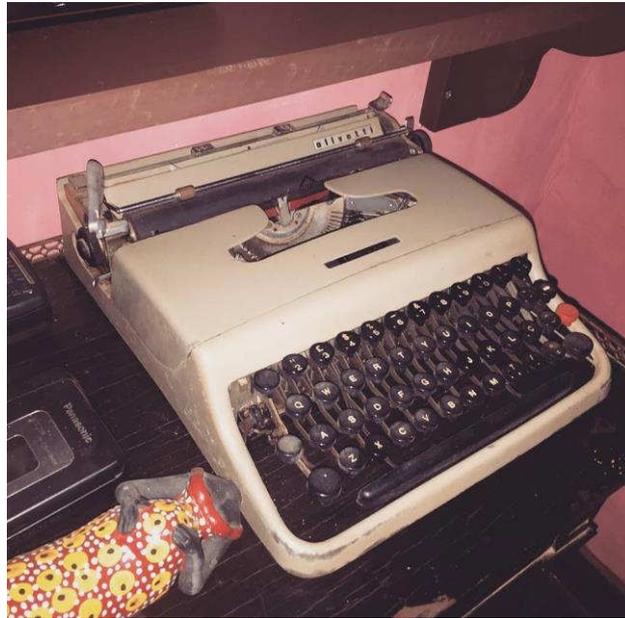
Foto 6: Café



Fonte: Arquivo Pessoal

No entanto, o mais emocionante, foi ver a máquina de escrever da escritora, observar e tocar nela, onde tantas obras foram feitas, onde minha escritora preferida fez os poemas que tanto amo e admiro e, que hoje os leio, impressos.

Foto 7: Olivetti



Fonte: Arquivo Pessoal

Atualmente assistimos a um tempo de explosão dos meios eletrônicos de produção da leitura e da escrita em quantidade e em um tipo jamais imaginados pela nossa escritora e que vem cada vez mais se distanciando de sua época. Segundo Darnton (2010), o futuro, seja ele qual for, será digital, mas hoje ainda vivemos um momento de transição, onde modos de comunicação impressos e digitais coexistem e novas tecnologias tornam-se obsoletas rapidamente. (p.15).

A visita à casa de Hilda Hilst me colocou a pensar nisso. Como leitora de suas obras impressas, fico impactada com os espaços e os objetos de leitura e de escrita da autora que pude conhecer recuperando e “(...) assistindo ao desaparecimento de objetos antes familiares: a máquina de escrever, agora relegada a antiquários; o cartão-postal, uma mera curiosidade; a carta manuscrita (...)”. (DARNTON, 2010, p. 16).

Como pesquisadora de suas obras, me ponho a imaginar, compreender ou querer destacar o que pode ter significado esses objetos (livros, máquina de escrever, biblioteca particular) para essa autora e que podem ser interpretados, acompanhados também de material acessado virtualmente, como eu própria fiz no início desta pesquisa.

Segundo reportagem publicada na Folha de S. Paulo, sobre Hilda diziam que era uma “velha bem sacana. Que sua obra era difícil de doar, comparável a uma tábua etrusca. Que, em

seu isolamento numa chácara, podia passar horas a falar com os mortos.” (MEIRELES, 2018, p. C1).

A nossa visita a sua casa nos sugere outras visões desta autora. Uma mulher que reclusa se colocava em comunicação com o mundo ficcionando seus dramas, sonhos, angústias e amores. Aberta ao diálogo pelas suas obras. Um jeito, sem medo, de se mostrar mulher, intelectual.

Querida Hilda, só desejo que mais pessoas te conheçam, que te compreendam e que você nunca seja esquecida!

### **A pesquisa**

Observando as listas de obras literárias produzidas, nos anos de 2013 a 2017, por alguns reconhecidos vestibulares realizados por universidades públicas, como, os da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Federal do Paraná (UFPR), constatamos que há um número muito pequeno de indicação de leituras de obras literárias escritas por autoras. No vestibular da Unicamp, por exemplo, identificamos a escritora Clarice Lispector só a partir de 2016; enquanto que no vestibular da Universidade Federal do Paraná, localizamos além de Clarice Lispector, a Cecília Meireles (ano de 2013) e Ana Miranda (2014-2016). No vestibular da Universidade de São Paulo, diferentemente, não há registro de indicação de nenhuma obra literária escrita por mulheres escritora.

Também em um breve estudo sobre livros didáticos dirigidos aos alunos do Ensino Médio (cito o Ensino Médio, uma vez que muitas dessas leituras são voltadas para o vestibular) é possível afirmar que a presença das escritoras no interior da produção literária é assimétrica em relação a dos escritores homens, ao longo da historiografia literária.

Assim, embora saibamos que as mulheres têm atuado no campo editorial literário há mais de um século, no nosso país (ELEUTÉRIO, 2005), a formação literária valorizada na escola (e na historiografia literária) tem sido predominante masculina, assim como também são poucos os estudos que têm examinado a produção feminina na academia.

Quando apontada essa informação, muitos dirão que as obras literárias não podem ser separadas por sexos, no entanto a ensaísta, crítica literária e professora da UFRJ, Bella Jozef,

aponta que “dizer que uma obra não tem sexo é não levar em conta que todo o resto da vida tem” (JOZEF, 1989.p.46) ou que:

A conquista da voz (voz como metáfora da escrita, da arte) seria para mulher a recuperação de um universo sem privilégios. Se homens e mulheres tivessem igualmente uma voz, isso seria prova de que não há discriminação de sexos, não há vencedores nem vencidos. Há apenas uma voz aberta ao jogo, à fantasia, ao futuro, ao canto, ao sussurro. A mulher não precisa mais gritar, ela pode, agora sussurrar também. Os estereótipos que tem sido imputados à mulher foram vencidos pelas circunstâncias sociais que a marginalizaram e agora deixam de fazê-lo. (JOZEF, 1989.p.50)

Conhecer e estudar os modos como as escritoras constroem suas visões sobre as mulheres, pode ampliar o campo dos estudos literários e sociológicos, além daquelas já produzidas pelos escritores, já cantadas em versos e prosa, já mais ou menos estereotipadas no papel e nas relações familiares, sociais, culturais que essas conquistaram nas distintas sociedades de seu tempo.

Para a professora da UFRJ e especialista no estudo da literatura de autoria feminina, Elódia Xavier, a obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, por exemplo, trata “Rita Baiana” como animal erótico e Gabriela, Cravo e Canela, de Jorge Amado, como a empregada dos sonhos de todos os homens representados no interior de uma sociedade machista e fundiária. E, em relação à obra de José de Alencar, *Iracema*, Eduardo de Assis Duarte aponta como um dos exemplos de valorização do homem em relação à mulher o fato da protagonista, apesar de ser uma índia livre, tornar-se escrava e Martim, o seu senhor. Assim, o autor completa:

Acrescente-se o fato de ser a índia quem, no pleno exercício de sua vontade, tudo abandona para seguir o amado: pai, deus, família, pátria, liberdade... Todas as iniciativas são suas. O “suicídio” final é também uma escolha, não imposição... Iracema surge como representação da “doce escravidão” voluntária e do sacrifício igualmente voluntário. (DUARTE, 1999. p.202).

Atualmente, outras e diversas representações femininas têm sido construídas, não só pelos homens, mas também pelas escritoras, consideradas como agentes participativas na literatura, conforme cita Nelly Novaes Coelho:

De uma literatura lírica-sentimental (gerada pela contemplação emotiva), cujo referencial de valores se pautava pelos padrões que a sociedade cristã/patriarcal defendia como únicos e absolutos (castidade/ submissão à autoridade do homem; discrição, ingenuidade, paciência, resignação etc.) a mulher chegou a uma literatura ética-existencial (gerada pela ética/passional) que expressa claramente o rompimento da polaridade maniqueísta inerente à imagem padrão da mulher (anjo/ demônio; esposa/ cortesã; ‘ânfora do prazer’/ ‘porta do inferno’ etc.). Em lugar de optar por um desses comportamentos, a nova mulher assume ambos e revela a ambiguidade inerente ao ser humano. Isso significa que, da submissão ao ‘modelo’ ela passa gradativamente à sua transgressão e, nos mais recentes, a busca de uma

nova imagem que lhe permita auto identificar-se novamente com segurança. (COELHO, 1993. p.16).

Para a autora, foi a partir de 1930 que as escritoras brasileiras conseguiram ser mais amplamente reconhecidas:

No século XIX, a postura feminina, registrada nos poucos romances e na muita poesia escrita por mulheres, é de endosso ao sistema proposto, e de queixas ou lamentos devido à impossibilidade de auto-realização, como decorrentes de um destino pessoal, infeliz, nunca como possível consequência de falha no sistema. É no nosso século, por volta dos anos 30, que a reação feminista vai-se fazer notar. (COELHO, 1989. p.5-6).

A partir de então, novas temáticas são escritas por mulheres, como: valorização da capacidade intelectual feminina, presença da frustração amorosa, constatação do sistema patriarcal e busca pela liberdade de escolha em sua própria vida. Emergem escritoras, como Lygia Fagundes Telles (1923- ) e Clarice Lispector (1920- 1977), que nos anos 1940/1950, são representativas da literatura feminina. Uma literatura que busca uma ruptura com as estruturas tradicionais estereotipadas, uma abertura para uma nova imagem de mulher, colocando em primeiro plano, “(...) o drama humano e não apenas um conflito amoroso individual.” (COELHO, 1989, p.7):

Lygia Fagundes Telles foi das primeiras que se revelou mestra nesse desvendamento da face "perigosa" ou maldosa da mulher; enquanto, ao mesmo tempo, vai iluminando os desvãos da consciência, onde se oculta o medo de suas personagens femininas, de não corresponderem à expectativa dos outros. Ou melhor, de não corresponderem ao modelo de comportamento que a Sociedade exigia de uma “mulher perfeita”. (COELHO, 1989. p.8).

Para estudiosos, como Coelho (1989), nos anos 1960/1980, a imagem tradicional da mulher, na literatura, está praticamente superada, convivendo com outras consideradas mais complexas e singulares. O amor deixa de ser tema principal para dar lugar às fantasias, conflitos e erotismos, expressos de forma menos velada e nem um pouco fantasiada. Deste período, destacamos entre outras, Hilda Hilst (1930-2004).

Como escritoras mulheres têm construído suas protagonistas? Que aspectos elas destacam, privilegiando ou subvertendo àquelas já consideradas “canônicas” na historiografia literária? São questões postas no desenvolvimento do nosso trabalho. Entendemos que essas imagens e tantas outras já construídas na literatura (mais ou menos romantizadas, erotizadas, infantilizadas etc.), nada mais são do que produções “(...) configurações sociais e conceituais determinadas pelos interesses do grupo que as forjam, historicamente produzidas e, por isso, próprias de um tempo ou de um espaço determinados”, conforme Chartier (1996, p. 17). São imagens que permitem identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma

determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler, num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação (CHARTIER, 1990, p.17-27). No nosso caso, no jogo de poder e de dominação marcado por uma cultura hegemonicamente produzida por homens e por eles divulgada, legitimada, cultuada.

Sendo mulher e leitora, sempre me interessei pelas obras de escritoras, inclusive das três (Lygia Fagundes Telles; Carolina de Jesus; Hilda Hilst) que constituem o corpus deste trabalho. Li autoras, não só enredada pelas suas histórias, mas também pelas protagonistas – mulheres – que se aproximavam, se distanciavam do modo de “ser feminino” que eu ainda construía e buscava compreender nas relações com as pessoas, com o mundo.

Meu interesse em saber o que as escritoras escrevem e como constroem as imagens de mulheres em suas obras intensificou-se a partir do debate de gênero instalado atualmente em diferentes instâncias, amplamente divulgado pela mídia, colocado em questão nas políticas publicadas ligadas ao mundo escolar, estudado como um tema específico no mundo acadêmico, nas últimas décadas.

Numa busca bibliográfica empreendida por mim, identifiquei um conjunto de trabalhos sobre gênero, como também que aqueles que analisam as obras de Carolina Maria de Jesus, Hilda Hilst e Lygia Fagundes Telles, do ponto de vista da literalidade e de sua contribuição para a história e crítica literária. No entanto, não encontrei nenhuma que abordasse essas autoras, pelo enfoque que pretendemos abordar: estudar as imagens de mulheres em sua produção publicada.

São autoras que tiveram trajetórias pessoais, intelectuais distintas entre elas merecendo ser estudadas também pelas contribuições que elas trazem sobre o papel das mulheres construído em diferentes grupos sociais e culturais.

### **Uma visão biográfica sobre as autoras**

Carolina Maria de Jesus nasceu em 14 de março de 1914 em Sacramento/MG, onde passou a infância e adolescência. Morou na cidade de São Paulo, na favela do Canindé, foi empregada doméstica e depois catadora de papel e outros recicláveis para garantir a sua sobrevivência e a dos seus três filhos. Estudou somente dois anos e sua produção se reduz em

cinco livros publicados, entre eles, Quarto de despejo, diário de uma favelada, selecionado por nós, para análise nesta pesquisa.

Quarto de despejo, diário de uma favelada traz o relato de sua vida, no período de 1955 a 1960, na favela do Canindé (SP). Neste livro, Carolina de Jesus escreve sobre suas dificuldades em conseguir dinheiro para alimentação dos seus filhos, o cotidiano na favela, a sua relação com os homens, além do cenário político do momento.

Esta obra escrita na forma de diário foi descoberta pelo repórter, Audálio Dantas, que a apresentou a um editor. O projeto editorial da obra conservou a modalidade escrita assumida por Carolina de Jesus – seus “erros” ortográficos e de concordância -, tentando manter coerência com o uso da linguagem utilizada pela autora, na época da escrita do diário.

Apesar de sua primeira obra, “Quarto de despejo, diário de uma favelada” ter lhe rendido fama e dinheiro, possibilitando sua saída da favela, a mesma morreu em um pequeno sítio esquecida, em 13 de fevereiro de 1977, com 62 anos.

Lygia Fagundes Telles nasceu em 19 de abril de 1923, em São Paulo. É escritora e jurista, formada em Direito, pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, da Universidade de São Paulo.

Ela é a quarta ocupante da cadeira nº 16 da Academia Brasileira de Letras, tomando posse em 12 de maio de 1987, em um espaço criado (1897) inicialmente para ser composto exclusivamente por literatos homens.

A autora possui várias obras públicas, romances, contos e crônicas e muitas premiações, sendo a primeira escritora brasileira a ser indicada ao prêmio Nobel de Literatura (2016).

A obra escolhida dessa autora, para interrogar pelas representações sobre as mulheres, é o romance As meninas, publicado pela primeira vez em 1973. Nela, a autora apresenta a vida de três meninas - Lia, Lorena e Ana Clara- que moram em um pensionato de freiras, em São Paulo, no ano de 1973, no auge da repressão da ditadura militar. O livro mostra que apesar da amizade dessas meninas, cada uma possui uma personalidade peculiar. Lorena é a menina rica e romântica, Lia é militante da esquerda e Ana Clara, a mais bela e viciada em drogas.

Hilda Hilst nasceu em 21 de abril de 1930, em Jaú, interior de São Paulo, mudando-se para Santos/SP em 1932 com sua mãe e irmão, após a separação dos pais. Formou-se em direito na Faculdade de Direito, do Largo São Francisco, da Universidade de São Paulo, assim como

Lygia Fagundes. Grande parte de sua vida, a partir de 1969, passou em uma fazenda, que denominou “Casa do Sol”, em Campinas/SP, abandonando a vida na alta sociedade de São Paulo para dedicar-se por completo à escrita. Publicou vários livros de poesia, teatro e ficção. A partir de 1990 escreveu suas obras de cunho erótico, sendo reconhecida equivocadamente, somente como escritora erótica. Hilda Hilst faleceu em 4 de fevereiro de 2004, aos 73 anos.

A obra escolhida desta escritora é *A obscena senhora D* que mostra a vida de Hillé, que após a morte do seu amante, passa a morar debaixo da escada e continua a conversar com o amado, tornando-se conhecida como louca pelos vizinhos.

Ainda que bem diferentes em suas histórias de vida, essas três escritoras compõem figuras femininas que amam, sonham, questionam, brigam, choram, trabalham, lutam pelo seu espaço neste mundo. Que mulheres são essas? Quais traços (aspectos) de sua personalidade e atuações na sociedade são destacados, pouco enfatizados ou ainda “apagados” em relação a “modelos” de mulheres construídas em outros momentos da história literária?

### **Caminhos teóricos e metodológicos**

O objetivo deste trabalho foi realizar uma análise de cunho exploratório das imagens femininas representadas nas obras escolhidas, interrogando como essas imagens se configuram, identificando aspectos redundantes, enfatizados, menosprezados de suas personalidades, relativos as suas ações e o papel que assumem na sociedade.

A leitura e análise de todo o material foram orientadas pelos estudos de Roger Chartier (1990; 1996) para pensar o conjunto de obras como objetos culturais possíveis de serem compreendidos nas representações e práticas que eles movimentam e como fonte para a compreensão de aspectos da cultura escrita situada e datada histórica e culturalmente. Tal perspectiva tem orientado os trabalhos do grupo de pesquisa ALLE/FE/Unicamp, no interior do projeto denominado Estudos sobre livros escolares e de literatura para jovens leitores, coordenado pela Profa. Norma Sandra de Almeida Ferreira. Trata-se de um projeto de pesquisa que acolhe questões concernentes às formas e concepções que os objetos de leitura – de literatura, livros de leitura, cartilhas - assumem culturalmente em seus suportes de textos, legitimados e produzidos para atender diferentes necessidades de comunidades, situados no

conjunto da produção editorial no período cultural e histórico em que eles se encontram circunscritos.

A perspectiva da História Cultural sugere, para nós, uma análise/um estudo teórico-metodológica quanto às obras escritas por essas três escritoras brasileiras, Carolina Maria de Jesus, Lygia Fagundes Telles e Hilda Hilst, como objetos possíveis de serem interrogados discursiva e materialmente, quanto ao gênero e suporte que os sustentam. Interrogar o modo como essa temática - imagens femininas - se inscreve em determinadas obras pressupõe conhecer as condições de sua produção, seu modo de dizer, o uso (estético) orientado pelos leitores previstos, o tempo e o lugar em que elas se inserem, a cultura que movimenta seus sentidos, legitima seus usos etc. As obras, como sabemos, são produções históricas, por isso próprias de um tempo ou de um espaço determinados e não são transparências ou espelhos da realidade.

Este trabalho foi inicialmente, desenvolvido como pesquisa de Iniciação Científica/ PIBIC/UNICAMP, no período de agosto de 2017 a julho de 2018. Posteriormente, reorganizamos os dados, ampliamos a pesquisa e elaboramos o Trabalho de Conclusão de Curso que foi estruturado da seguinte forma:

Introdução, relatando o percurso literário até conhecer a obra de Hilda Hilst, visita a casa da autora, escolha do tema e recursos metodológicos e teóricos utilizados.

No 1º capítulo, apresentamos uma pesquisa sobre a produção acadêmica a partir de fontes digitais em banco de dados, como sistema de Biblioteca da Unicamp (site:<http://www.sbu.unicamp.br/porta2/>) e Scielo (site: <http://www.scielo.org/php/index.php>), utilizando as palavras-chave: “Lygia Fagundes Telles”, “Hilda Hilst”, “Carolina Maria de Jesus”, “literatura do gênero”, “*As meninas*”, “*A obscena senhora D*”, “*Quarto de despejo, diário de uma favelada*” e “literatura feminina”.

No 2º capítulo, apresentamos as biografias (na forma de ensaios) das três escritoras, destacando aspectos dos seus itinerários pessoal, intelectual e literário e situando-as no cenário da literatura brasileira, além de apresentar dados biográficos e o conjunto de obras publicadas por elas.

No 3º capítulo, elaboramos uma análise das imagens femininas representadas nas obras escolhidas, interrogando que imagens são essas, como elas se configuram em suas singularidades e diferenças na ficção.

Por fim, as Considerações Finais e o anexo da pesquisa sobre a produção acadêmica, onde é possível encontrar informações como: nome dos autores (as), títulos dos trabalhos, cidade e ano de publicação, nível pretendido e instituição onde realizado.

## Capítulo 1 – Pesquisa sobre produções acadêmicas

Primeiramente, foi realizado um levantamento de cunho bibliográfico sobre a produção acadêmica a partir de fontes digitais em banco de dados, como sistema de Biblioteca da Unicamp e Scielo, utilizando as palavras-chave: “Lygia Fagundes Telles”, “Hilda Hilst”, “Carolina Maria de Jesus”, “literatura do gênero”, “As meninas”, “A obscena senhora D”, “Quarto de despejo” e “literatura feminina”.

Muitas produções acadêmicas foram encontradas sobre o tema (Anexo 1), no entanto, não sobre o enfoque que pretendo trabalhar, mas, alguns trabalhos contribuíram muito para a minha pesquisa.

A dissertação de Nara Gonçalves Oliani, é o trabalho mais parecido com o este, pois nesta dissertação, foi realizada uma análise literária do romance “*As meninas*”, de Lygia Fagundes Telles. A autora trabalha as representações das personagens principais (Lorena, Lia e Ana Clara) e algumas secundárias do livro, mas considerando o momento político que se encontrava o país (ditadura militar).

Lygia, de fato, apreende, em seu romance, diversas das inquietações da sociedade brasileira dos anos 70, em meio à ditadura militar, pois compõe, por meio das personagens, uma espécie de painel. Isso acontece, principalmente, pela escolha da escritora em representar tal realidade sob a ótica de jovens mulheres protagonistas. As três protagonistas, ao narrarem em primeira pessoa do singular, valendo-se de fluxo de consciência e monólogo interior, nos mostram uma visão jovem e mais suscetível a refletir sobre possíveis mudanças socioculturais e históricas (formação, posicionamentos, ações, valores, ideias), diferentemente de qualquer outra faixa etária feminina. Além disso, o fato de as protagonistas estarem envolvidas no meio universitário da época nos proporciona uma visão de uma camada social específica que busca uma educação e uma formação maior e, desse modo, tende a pensar sobre as crises socioculturais e políticas da época. (OLIANI, 2013, p.219).

A dissertação autora Evelyn Caroline de Mello, também analisa as três personagens principais do livro, focando em como elas reagem ao momento político e como contribuem para recompor o painel da sociedade brasileira.

O aspecto social influi na formação individual, pois ao mesmo tempo em que se problematizam as diversas maneiras de se viver e sentir a condição feminina, também se recompõe o quadro do regime militar e seus contra-

sensos de maneira global, na tentativa de desnudar todas as suas fragilidades. Percebe-se, nesse sentido, que o romance engajado produzido por uma mulher, sob a ótica feminina, busca um caminho de mão dupla: reflete a maneira com a qual as ideias feministas se disseminaram no Brasil, frente a uma situação intensa de desigualdade econômica. (MELLO, 2011, p.105).

A dissertação de Vanessa Aparecida Ventura Rodrigues, analisa as personagens do livro, no entanto, foca mais nas marcas das memórias utilizadas para construção do romance.

O objetivo deste estudo é investigar como se dá a representação da memória, seja ela por meio da elaboração de um romance de viés psicológico, por meio do espaço representativo de maneira individual ou por meio do testemunho e do trauma vivido por suas protagonistas em uma determinada época. Meus questionamentos primeiros foram: As meninas de Lygia realmente existiram? São seres reais ou imaginários? Tamanho realismo dado às divagações de Lorena, Ana Clara e Lia, que durante a leitura fui buscando identificar, no que concerne à infância, aos sonhos, aos desejos, à relação familiar e, primordialmente, à mulher frente ao seu desencontro maior com o mundo. (RODRIGUES, 2014, p.12).

Sobre a autora Carolina Maria de Jesus, muito foi encontrado sobre sua escrita, talvez, por se tratar de uma escrita “marginal”, da periferia, de uma mulher negra e pobre, carregada de oralidade. Como podemos ver no trabalho de Regina Dalcastagnè, “*Para não ser trapo no mundo: as mulheres negras e a cidade na narrativa brasileira contemporânea*”.

Reuni-los nas páginas de um livro é um gesto político que exige alguns ajustes estéticos, até porque essas personagens como já foram dito, não costumam frequentar nossa literatura como protagonistas. Talvez por isso mesmo suas histórias não pareçam combinar com a estrutura tradicional do romance, ainda que o romance contemporâneo busque, justamente, a variedade de perspectivas e a quebra dos parâmetros estabelecidos. Quando Carolina Maria de Jesus dizia que não entrou no mundo pela sala de visitas, mas pelo quintal (Jesus, 1986, p. 198), ela expunha sua diferença em relação a outras experiências de vida, incluindo aí a dos escritores brancos e de elite, responsáveis quase exclusivos pela perspectiva literária sobre aquilo que nos cerca. Olhar o mundo pela porta de trás pode ser extremamente enriquecedor para nossa literatura, uma vez que o simples deslocamento já pressupõe novas informações, o que exigiria, por sua vez, novos formatos de apresentação. (DALCASTAGNÈ, 2014, 296-297).

No entanto, analisar a personagem feminina principal do livro é muito complicado, pois trata-se de um diário, sendo assim a personagem não é uma representação de mulher, mas de si mesma. Para Marco Antonio Gonçalves,

Carolina constrói sua pessoa pela escrita, pela autobiografia que nomeia seu sofrer, como sofre na condição do grapho, isto é, o modo como ela dá forma à sua vida. Seu grapho não é uma construção de um mundo ficcional, mas um tornar-se seu próprio mundo, seu mundo feito, o da sua vida, o da favela. Parafraseando Das (2006, p. 7): a escrita para Carolina revela mais sobre ela mesma do que tinha consciência sobre si própria. (GONÇALVES,2014,p.26).

A tese da autora Mônica Horta Azeredo (2012), analisa a representação da figura de heroína em algumas obras do cinema e da literatura, sendo uma delas o primeiro livro publicado de Carolina Maria de Jesus, “*Quarto de Despejo: diário de uma favelada*”. Neste trabalho, Mônica Horta Azeredo, conta a vida da autora, apresenta sua visão política e mostra seus atos heróicos, como sair da pobreza através da escrita, mesmo com pouco estudo e sustentar os filhos sem ajuda de um marido.

A dissertação de Christiane Vieira Soares Toledo (2012), trata de uma análise de todos os diários da autora, mostrando todas suas mudanças desde a infância pobre em Minas Gerais ao ápice do lançamento de seu livro e esquecimento do público.

Sobre Hilda Hilst, também foram produzidos muitos trabalhos acadêmicos. Pesquisando sobre “A obscena Senhora D”, (obra da autora na qual irei analisar a personagem feminina, Hillé), encontrei o trabalho de Cinara Leite Guimarães, “A obscena Senhora D. de Hilda Hilst, e as relações entre Eros, Tânatos e Logos”, este analisa os comportamentos da personagem principal, que por fugirem do padrão imposto pelo sistema patriarcal, são vistos como condutas insanas, como podemos ver nos trechos abaixo:

Por não compreenderem o comportamento e as crises existenciais de Hillé, as conversas dos vizinhos a seu respeito recaem sempre no âmbito da loucura, gerando comoção em uns e indiferença ou mesmo ira em outros. Ela é frequentemente associada à imagem da porca, animal que expressa a idéia de sujo, mas cujo significado, para Hillé, tem outra dimensão. A semelhança está no fato do porco ser o animal que fuça, que procura o escondido, que busca o sentido, a origem das coisas e que, portanto, assemelha-se ao Menino-Porco. (GUIMARÃES,2007, p. 47).

E,

É devido a esse comportamento, cada vez mais fora dos padrões considerados aceitáveis pela sociedade, que Hillé é rotulada de louca. Ela tira a roupa e se expõe nua perante os vizinhos, assumindo um comportamento agressivo, fazendo uso de palavras e gestos obscenos, ações que não se enquadram naquilo que seria esperado de uma mulher, principalmente na sociedade patriarcal. Esta sociedade estabeleceu desde sempre um comportamento bastante fixo, definido e pré-determinado a ser seguido por

mulheres e homens. Desviar-se do comportamento de seu grupo sexualmente marcado, e, no caso das mulheres, questionar ou negar-se a cumprir as obrigações subentendidas como ligadas aos sujeitos femininos por excelência têm sido motivos pelos quais várias mulheres acabam tachadas como irracionais, inadequadas ou ainda loucas, acabando, em casos extremos, aprisionadas em sanatórios ou clínicas psiquiátricas devido ao comportamento fora dos padrões tidos como normais. (GUIMARÃES, 2007, p. 47-48).

Já a dissertação de Maria Thereza Todeschini, vê Hillé como um personagem de uma história mítica em sua relação com o cosmo.

A senhora D participa de um sistema ontológico muito diferente dos outros, por isso, seu contato produz uma ruptura de nível ontológico, que põe em risco àquele que se lhe aproxima. Seu plano ontológico diferente assegura sua própria realidade, mas também é um estigma ao qual deve submeter-se, afasta e amedronta aqueles que lhe são dessemelhantes. Por essa condição, torna-se singular e consagrada, possui mana\*: "o sagrado deve ser sempre tratado como contagioso porque relações com ele restringem-se a expressar-se por rituais de separação e de demarcação e por crenças no perigo de se cruzar fronteiras proibidas". (TODESCHINI, 1989, p.29).

Na tese do autor, Leandro Silva de Oliveira, "Representações do corpo na obra de Hilda Hilst", há uma análise de algumas das obras de Hilda Hilst, incluindo "*A obscena Senhora D*", com o enfoque na representação do corpo, pois este é visto como elemento central em suas obras, uma vez que está ligado a questão existencialista.

Acontece que Hillé sente um profundo abandono de si, como se o existir de seu corpo e de sua mente fosse um fardo pesado demais para carregar sozinha, como se sua criação, seu estar-no-mundo não fizesse qualquer sentido. Hillé sente um desejo profundo de buscar seu "sentido cósmico" e, por isso mesmo, já está paralisada. Não lhe resta, portanto, nada a preservar, sobretudo após a morte do marido. (OLIVEIRA, 2013, p.109).

Um dos trabalhos acadêmicos, apesar de não falar sobre o livro que será analisado da autora, mas sim de suas poesias, que me chamou muito a atenção, foi o da Fabiana Amorim, no seu trabalho "O canto vigoroso de duas mulheres", pois, trabalha as poesias eróticas de Hilda Hilst e Teresa Calderón e analisa através delas como é visto a produção feminina na literatura.

Para a autora, as poesias eróticas das escritoras, além de um meio de demonstrar à sociedade, que as mulheres são donas de seu corpo, é um instrumento político, e que seus papéis na sociedade são maiores que os “ideais” estabelecidos pelo patriarcalismo.

A mulher - poeta/escritora/dramaturga/crítica - que é capaz de falar em seu texto sobre o erotismo também pode ser a mulher capaz de promover mudanças políticas e sociais, reconhecendo-se como sujeito histórico e afirmando seu desejo como político. Escrever sobre esse desejo já é um exercício político, em oposição ao discurso monolítico que estabeleceu o desejo feminino como patologia, embora muitas mulheres não reconheçam como legítimo o fato de que outras reivindiquem o desejo. (AMORIN, p.26).

Um dos trabalhos mais completos que encontrei sobre Hilda Hilst foi o e-book “*Fortuna Crítica de Hilda Hilst*”, de Cristiano Diniz, lançado em maio de 2018, quando já havíamos finalizado a busca bibliográfica.

Cristiano Diniz, além de produzir este livro, foi o responsável por organizar o acervo pessoal de Hilda Hilst, no Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE/IEL), na Unicamp e tornou-se um reconhecido estudioso sobre a produção desta autora.

O e-book traz um completo inventário sobre os trabalhos já publicados sobre a autora, do período de 1949 até 2017. Reúne cento e oitenta e quatro trabalhos acadêmicos, entre monografias, dissertações de mestrados e teses de doutorado.

Alcir Pécora, professor da Área de Teoria Literária, no IEL/ UNICAMP, que fez a introdução do livro de Diniz, explica, o que segundo sua opinião, seriam os motivos de Hilst ter-se tornado atualmente um fenômeno acadêmico. Para ele, além de boas (re) edições oferecendo aos leitores ampla disponibilidade de sua obra depois da morte da autora, sua aceitabilidade pelo público pode ser justificada pela entrada dos Estudos Culturais, no nosso país.

O certo é que, no início dos anos 2000, os estudos culturais já aparecem de maneira abundante na cultura universitária brasileira, cada vez mais maleável aos movimentos internacionais do capital simbólico, o que na prática significa dizer especialmente maleável às modas acadêmicas norte-americanas, sejam elas mais ou menos consistentes. Com os estudos culturais, vieram as investigações sobre as minorias, e, em particular, para o que interessa aqui para explicar o fenômeno ocorrido com a obra de Hilda

Hilst, vieram os estudos de gênero, que renovaram o interesse pela literatura produzida por mulheres. E uma mulher até então pouco estudada, mas que já começava a aparecer no debate crítico da teleologia modernista, era justamente a indômita Hilda Hilst. (PÉCORÁ, 2017, P.12).

Ainda na introdução, Pécora (2017) destaca que *A Obscena Senhora D* tem sido a obra mais estudada da autora, reunindo vinte e quatro dissertações de mestrado e doze teses de doutorado em torno dela, provavelmente porque:

Outro ponto a destacar: além das obras obscenas, há um predomínio quase cronológico das obras de prosa, apenas alterado pela predominância bem caracterizada da *Obscena Senhora D*, o que também não chega a surpreender. Já no primeiro volume da edição das *Obras Reunidas*, eu alertava para a centralidade desse texto, que justamente escolhi para abrir a coleção. Na ocasião, escrevi que “*A Obscena Senhora D* representa um momento de perfeito equilíbrio de desempenho, no qual se cruzam todos os grandes temas e registros da prosa de ficção que Hilda Hilst vinha praticando desde o início dos anos 70”. Mas não apostaria os dedos da mão de que seja a excepcional qualidade desse texto que explique a maior incidência de trabalhos sobre ele. Acho que isso tem a ver sobretudo com o fato de que esse também é, ao menos por ora e por diferentes fatores, o livro mais conhecido de Hilda. Em parte, porque é um livro que se ajusta mais facilmente às leituras biográficas que insistem em fazer coincidir a narrativa hilstiana com o que sabem ou imaginam (quase sempre mais imaginam do que sabem) sobre a pessoa de Hilda Hilst. De fato, trata-se do livro que mais imediatamente identifica a autora com a imagem midiática dela, como velha meio genial e doida inteira. (PÉCORÁ, 2017, p.13).

Assim na opinião de Pécora (2017), o atual interesse pela obra não seria pela “excepcionalidade qualidade do texto” e tampouco porque traz um “perfeito equilíbrio de desempenho” da autora no cruzamento de vários temas que ela veio exercitando ao longo de sua carreira. Seria para ele, uma obra que reproduz na ficção uma imagem midiática - “velho meio genial e doida inteira” – que ela ajudou a construir sobre si própria e que os leitores e estudiosos buscam desvendar e interpretar sobre a vida de Hilda Hilst.

Mas diferentemente, ao meu ver, o fato dessa ser a obra de Hilda Hilst mais estudada no meio acadêmico é justamente o espanto que causa, o choque de descobrir que uma mulher, nos anos 1970, escrevia, com força, sem medo e sem pudor, e principalmente sem descuidar-se do tom poético. Por outro lado, mesmo que os estudos acadêmicos tentem encontrar a autora na personagem Hillé, de *A Obscena Senhora D*, ou como diz, Pécora (2017), “com o que sabem ou imaginam (quase sempre mais imaginam do que sabem)” (p.13), isto pode ser revelador da mulher incógnita e misteriosa que sempre foi em vida. Há ainda muito o que buscar conhecer e

entender desta senhora e de suas obras, pelos seus leitores que por ela nutrem um grande “carinho” ao seu leitor.

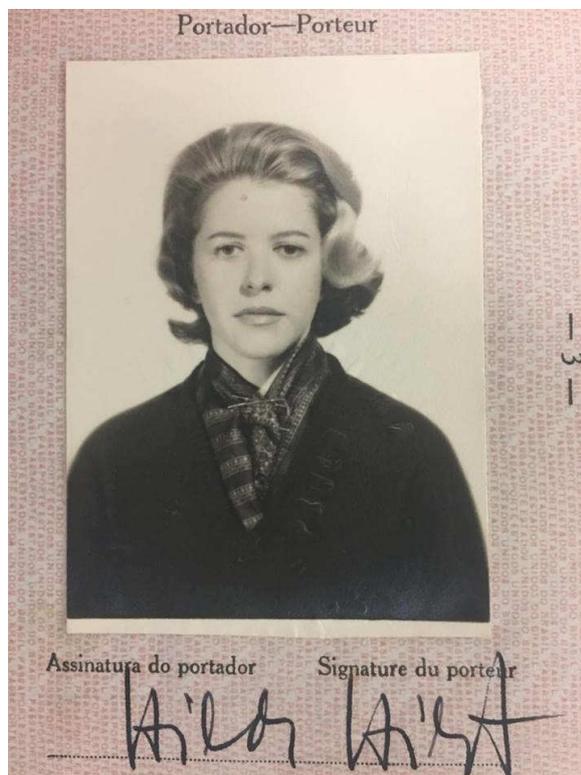
## Capítulo 2 – Biografias

### 2.1. Olha-me. Escuta-me. Compreenda-me

Olha-me de novo. Com menos altivez.  
E mais atento.  
Hilda Hilst, “Dez chamamentos ao amigo”, I

Escritora, bela, indomesticável, polêmica, revolucionária, alegre e louca, assim era conhecida Hilda Hilst. Nascida em Jaú, cidade do interior de São Paulo, no dia 21 de abril de 1930. Filha de Bedecilda Vaz Cardoso, uma imigrante portuguesa, e de Apolônio de Almeida Prado Hilst, fazendeiro de café e poeta. Em 1932, seus pais se separaram, uma vez que a família de Apolônio não aprovava o casamento, pois naquela época um Almeida Prado só poderia se casar com alguém à altura deste sobrenome. Neste mesmo ano, Hilda mudou-se para Santos (SP), com sua mãe e seu irmão, Ruy Vaz Cardoso, filho do primeiro casamento de Bedecilda.

Foto 8: Hilda Hilst



Fonte: Arquivo Pessoal

Desde sempre foi fascinada pelo pai, via-o como um belo homem, brilhante e genial, mesmo estando em sua presença apenas aos três anos (quando este foi visitá-la) e depois aos

dezesseis anos (quando passou três dias na fazenda de seu pai). Afinal, ele fora diagnosticado em 1935, como esquizofrênico paranóico, ficando internado grande parte de sua vida. A distância e a loucura só fizeram aumentar o fascínio de Hilda, sendo esta uma das razões para se tornar escritora (pois queria agradá-lo) e inspiração para muitas de suas obras.

Foto 9: Bedecilda Vaz Cardoso e Apolônio de Almeida Prado Hilst, pais de Hilda.



Fonte: Arquivo Pessoal

Quando criança, queria ser santa, uma vez que estudou em um colégio de freiras, e desta formação veio sua paixão pela literatura. Lia muito e, ao longo da vida, construiu uma biblioteca com mais de mil livros, que atualmente estão na “Casa do Sol”<sup>3</sup>. Seus autores preferidos e grandes influenciadores foram: Fiódor Dostoiévski, James Joyce, Fernando Pessoa, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Kafka, Jorge de Lima, Samuel Beckett.

Formou-se na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, na Universidade de São Paulo (USP). Após um ano na área, abandonou a profissão para dedicar somente à literatura.

---

<sup>3</sup> Casa do Sol era a residência de Hilda Hilst, tornou-se um refúgio para os artistas e seus amigos. Hoje, a casa é o Instituto Hilda Hilst que tem como missão disseminar a obra e a memória de Hilda Hilst e preservar sua casa. O instituto foi fundado em 2005, pouco depois da morte de Hilda, pelo escritor José Luís Mora Fuentes. Após sua morte, em 13 de junho de 2009, o instituto foi entregue a sua esposa, a artista plástica Olga Bilenky e ao seu filho, Daniel Fuentes.

Sua vida em São Paulo, quando jovem, era bastante agitada e movimentada por muitos namorados, festas, peças de teatros, tardes de autógrafos e reuniões, sobrando pouco tempo para dedicar-se a sua produção. A leitura da “*Carta a El Greco*”, de Nikos Kazantzákis, presente do amigo poeta, Carlos Maria de Araújo, contribuiu para a sua decisão em abandonar a vida na grande São Paulo e mudar-se, com o escultor e namorado, Dante Casarini. Assim no ano de 1965, com o intuito de dedicar-se totalmente à literatura, eles vão morar em Campinas (SP), próximo à fazenda de sua mãe. É nesse lugar, embaixo de uma antiga figueira - a qual Hilda acreditava que realizava pedidos em dia de lua cheia - numa mesa com bancos de pedra, construído há muito tempo, que a escritora passou seus dias escrevendo, enquanto acompanhava a construção de sua casa.

Foto 10: Figueira e banco de pedra



Fonte: Arquivo Pessoal

Finalizada a construção o local foi batizado de “Casa do Sol”, transformando-se em um refúgio para seus amigos e artistas de várias artes. Entre eles, a escritora, Lygia Fagundes Telles, amiga desde 1949, quando em uma homenagem à Cecília Meirelles, no salão de chá da Casa Mappin, Hilda foi saudá-la em nome da Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Também foram frequentadores assíduos: Caio Fernando de Abreu e Jose Luis Mora Fuentes, com quem viveu um pequeno romance aos 40 anos de idade.

Revolucionária, independente e feminista, sempre demonstrou ser uma mulher à frente do seu tempo. Viveu vários romances, entre eles, um com Vinicius de Moraes e com o ator

americano, Dean Martin. Foi amiga de Carlos Drummond de Andrade, a quem que fora apresentado por Lygia Fagundes Telles, numa praia do Rio de Janeiro. O poeta dedicou-lhe o seguinte poema:

Abro a Folha da Manhã  
Por entre espécies grã-finas,  
Emerge de musselinas  
Hilda, estrela Aldebarã.

Tanto vestido enfeitado  
cobre e recobre de vez  
sua preclara nudez  
Me sinto mui perturbado.

Hilda girando boates,  
Hilda fazendo chacrinha,  
Hilda dos outros, não minha...  
(Coração que tanto bates!).

Mas chega o Natal  
e chama à ordem Hilda: não vês  
que nesses teus giroflês  
esqueces quem tanto te ama?

Então Hilda, que é sab(i)lda  
Manda sua arma secreta:  
um beijo em Morse ao poeta.  
Mas não me tapeias, Hilda.

Esclareçamos o assunto:  
Nada de beijo postal.  
No Distrito Federal,  
o beijo é na boca e junto.

Casou-se só aos trinta e oito anos, com Dante Casarini, por insistência de sua mãe. Tinham um “casamento aberto”, podendo, por isso, terem outros relacionamentos. Divorciando-se dezesseis anos depois. No entanto, continuaram morando juntos por mais seis anos e mantiveram a amizade por muito mais tempo. Não teve filhos, pois temia que estes pudessem ser esquizofrênicos como seu pai e confessou, em entrevistas que não tinha o melhor jeito com crianças, que elas lhe davam medo: “Não tenho afinidade com crianças. Elas não me entendem e eu não as entendo. Ficam olhando pra mim, esquisitíssimas. Tenho muito medo de crianças.”

Apesar de ter estudado em um colégio de freira, e por não estar conformada com a morte<sup>4</sup>, Hilda acreditava em muitas coisas, como espiritismo, budismo, cristianismo, horóscopo, ETs. A escritora afirmava que já vira um disco voador em sua casa e que tivera uma experiência com vozes de gravadores. Uma experiência criada por Friedrich Jürgenson, permitiu-lhe, segundo ela, ouvir interferência de vozes de pessoas que já morreram, em textos ou músicas registradas em gravadores.

Não sou espírita nem adepta de nenhuma religião específica. Acredito na vida depois da morte e na reencarnação. Acredito na alma, em espíritos que podem nos proteger, em santos e anjos. Também acredito que devem existir almas menos evoluídas. Acredito na existência de outras dimensões, em discos voadores e na física quântica, que um dia vai explicar todos esses fenômenos. Além da experiência que fiz nos anos 70 com o gravador, tive inúmeras outras experiências e contatos significativos com esse outro plano. Já vi meu pai e minha mãe depois da morte. Eu acredito na vida eterna. (HILST; Hilda) <sup>5</sup>

Hilda não tinha falsa modéstia, considerava-se uma ótima escritora em todos os gêneros que escreveu, poesia, prosa de ficção, teatro e crônicas. Era a maior admiradora de suas obras: gostava de todas as suas obras “Não é que eu queira uma aceitação do público. Mas quando a gente vai chegando à velhice como eu, dá uma pena de ninguém ler uma obra que eu acho maravilhosa. Fico besta de ver como as pessoas não entendem o que escrevi.”<sup>6</sup>

Aos 20 anos, publicou seu primeiro livro de poesia “Presságio, marcada por poética pessoal.” Entre 1967 a 1969 escreveu seus textos dramáticos. Em 1970 publica seu primeiro livro de ficção. Fluxo-floema. No período de 1992-1995, publicou suas crônicas no Correio Popular de Campinas.

---

4 “Também eu não estou conformada com esse conceito da maioria das pessoas de que a morte é definitiva” (HILDA HILST).

5 GOUVEA, Leila. “Entrevista - Hilda Hilst”. D.O. Leitura, ano 21, n.5, maio 2003.

6 WEINTRAUB, Fábio; COHN, Sérgio; GORBAN, Ilana & WEISS, Marina. “Os dentes da loucura”. Suplemento Literário do Minas Gerais, Belo Horizonte, n.70, abr. 2001.

Apesar de ter uma extensa obra composta por vinte livros de poesia<sup>7</sup>, doze livros de ficção<sup>8</sup>, oito peças de teatros<sup>9</sup>, traduções (para o francês, italiano, espanhol, inglês e alemão) e

---

<sup>7</sup> Presságio - SP: Revista dos Tribunais, 1950. (Ilustrações Darcy Penteadado).

Balada de Alzira - SP: Edições Alarico, 1951. (Ilustrações de Clóvis Graciano).

Balada do festival - RJ: Jornal de Letras, 1955.

Roteiro do Silêncio - SP: Anhambi, 1959.

Trovas de muito amor para um amado senhor - SP: Anhambi, 1959 SP: Massao Ohno, 1961.

Ode fragmentária - SP: Anhambi, 1961.

Sete cantos do poeta para o anjo - SP: Massao Ohno, 1962. (Prêmio PEN Clube - S. Paulo) (Ilustrações de Wesley Duke Lee).

Poesia (1959/1967) - SP: Livraria Sal, 1967.

Júbilo, memória, noviciado da paixão - SP: Massao Ohno, 1974.

Poesia (1959/1979) - SP: Quíron/INL, 1980. (Ilustração de Bastico).

Da Morte. Odes mínimas - SP: Massao Ohno, Roswitha Kempf, 1980. (Ilustrações da autora)

Cantares de perda e predileção - SP: Massao Ohno/M. Lídia Pires e Albuquerque Editores, 1980 (Prêmio Jabuti/Câmara Brasileira do Livro. Prêmio Cassiano Ricardo/Clube de Poesia de São Paulo.)

Poemas malditos, gozosos e devotos - SP: Massao Ohno/Ismael Guarnelli Editores, 1984.

Sobre a tua grande face - SP: Massao Ohno, 1986.

Amavisse - SP: Massao Ohno, 1989.

Alcoólicas - SP: Maison de vins, 1990.

Do desejo - SP: Pontes, 1992

Bufólicas - SP: Massao Ohno, 1992. (Desenhos de Jaguar).

Cantares do sem nome e de partidas - SP: Massao Ohno, 1995.

Do amor - SP: Edith Arnhold/Massao Ohno, 1999.

<sup>8</sup> Fluxo-Floema - SP: Perspectiva, 1970. Qadós - SP: Edart, 1973.

Ficções - SP: Quíron, 1977. (Prêmio APCA. Melhor livro do ano.)

Tu não te moves de ti - SP: Cultura, 1980.

A obscena senhora D - SP: Massao Ohno, 1982.

Com meus olhos de cão e outras novelas - SP: Brasiliense, 1986. (Ilustrações da autora).

O caderno rosa de Lori Lamby - SP: Massao Ohno, 1990. (Ilustrações de Millôr Fernandes).

Contos d'escárnio/Textos grotescos - SP: Siciliano, 1990.

Cartas de um sedutor - SP: Paulicéia, 1991.

Rútilo nada - Campinas: Pontes 1993. (Prêmio Jabuti/Câmara Brasileira do Livro.)

Estar sendo. Ter sido - SP: Nankin, 1997. (Ilustrações de Marcos Gabriel).

nove premiações, Hilda não era muito reconhecida, vendia poucos livros, pois o público consideravam suas obras de difícil compreensão. Por isso, decidiu escrever sua tetralogia erótica, O caderno rosa de Lori Lamby (1990); Contos d'escárnio/Textos Grotescos (1990); Cartas de um sedutor (1991) e Bufólicas (1992). Mesmo assim, continuou incompreendida pelo público e pela crítica sendo identificada como autora de difícil compreensão na literatura pornográfica. Suas obras receberam a nomeação de “pornô-chic”, talvez pela complexidade abordada pela autora na temática erótica.

A produção hilstiana discute a morte, a religiosidade, a vida, a loucura, o tempo, o amor e o erotismo. Entretanto, Hilda ficou reconhecida como uma escritora de cunho erótico, apesar de sua tetralogia erótica não totalizar nem dez por cento de sua obra.

No final de sua vida, Hilda já não escrevia mais, acreditava que já havia escrito tudo que tinha que escrever e gostaria de tê-lo feito. Morreu aos 73 anos, no dia 4 de fevereiro de 2004, às 4 horas da madrugada, decorrência de uma infecção generalizada causada pela fratura do fêmur devido a uma queda. Foi sepultada no cemitério Aléias, em Campinas, no mesmo dia.

---

Cascos e carícias: crônicas reunidas - SP: Nanquim, 2000 Antologias Poéticas:

Do desejo - Campinas, Pontes, 1992.

Do amor - SP: Massao Ohno, 1999.

9 A Possessa - 1967.

O rato no muro - 1967.

O visitante - 1968.

Auto da barca de Camiri - 1968.

O novo sistema - 1968.

As aves da noite - 1968.

O verdugo - 1969 (Prêmio Anchieta - Conselho Estadual de Cultura, 1970)

A morte do patriarca - 1969.

Teatro reunido (volume I) - 2000. (com exceção da peça "O verdugo", todas as obras são inéditas).

## 2.2. Leia-me, não me deixe morrer

No escuro eu sentia essa paixão contornando sutilíssima meu corpo. Estou me espiritualizando, eu disse e ele riu fazendo fremir os dedos-asas, a mão distendida imitando libélula na superfície da água, mas sem se comprometer com o fundo, divagações à flor da pele, ô! Amor de ritual sem sangue. Sem grito. Amor de transparências e membranas, condenado à ruptura. Lygia Fagundes Telles, “A estrutura da bolha de sabão”, I

Bela, sofisticada, escritora, terceira mulher a ser membro da Academia Brasileira de Letras, assim é Lygia Fagundes Telles. Nascida em São Paulo, no dia 19 de abril de 1923, passou a infância por várias cidades do interior de São Paulo, onde seu pai, Durval de Azevedo Fagundes, atuava como promotor público, delegado ou juiz.

Teve uma infância selvagem e livre, rodeada de verdes. Foi nesta época que sua pajem, Maricota, deu à menina um sem-fim de histórias apavorantes, povoadas por lobisomens, mulas sem cabeça e mortos que se levantavam, abrindo sua imaginação para um reino fantástico e fantasmagórico.

Sua mãe, Maria do Rosário de Azevedo Fagundes, conhecida como Zazita, era uma pianista, foi decisiva em sua formação, tanto de advogada como escritora. Lygia sempre teve o apoio e elogios da mãe, quando resolveu prestar direito na mesma academia que o pai havia feito (Largo de São Francisco), a mãe a incentivou dizendo que se todos os primos estudaram lá, por que ela a mais inteligente não poderia. Quanto a escrever Lygia disse:

... Queria que eu fosse declamadora, mas quando lhe disse que não gostava de recitar mas sim de escrever, ficou animada. Embora um tanto apreensiva: “É uma profissão de homens”, disse. “Mas se você quer, por que não? ”. (TELLES, 1984. p. 246.)

Uma mulher à frente do seu tempo, feminista muito antes do movimento se estruturar, após ser graduada na Escola Superior de Educação Física da Universidade de São Paulo (USP), estudou direito na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, onde se formou em 1946, numa época que o curso era praticamente masculino. É nessa época que conhece e torna uma das melhores amigas da escritora Hilda Hilst, apesar de possuírem personalidades diferentes, afinal Hilda era toda polêmica e Lygia muito mais contida. Nos Cadernos de literatura brasileira, editado pelo Instituto Moreira Salles, Hilda escreveu: “Sempre assusto ela, digo que estou

morrendo pra ela aparecer [...]. Ela quase não vem aqui. Às vezes até brigo com ela, de ciúmes da Nélida Piñon”. Nélida, nas palavras de Hilda, por ser mais “arrumada”, combinava melhor com a amiga que, sóbria e discreta, “tem pavor de coisas escandalosas”.

Também foi amiga de Érico Veríssimo, Manuel Bandeira, Clarice Lispector, Nélida Piñon e Carlos Drummond de Andrade, apresentando este último a Hilda Hilst, que mais tarde receberia um poema do autor.

Foto 11: Lygia e Hilda



Fonte: Arquivo Pessoal/ In: HILST, Hilda. Da poesia. Hilda Hilst. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Casou-se em 1947, separando em 1960, com Goffredo Telles Jr. (1915-2009), seu professor de direito internacional privado, com quem teve seu único filho, Goffredo da Silva Telles Neto (1954-2006). Dele tem duas netas, Lúcia e Margarida. Casa-se novamente em 1962,

com Paulo Emilio Salles Gomes (1916-1977), crítico de cinema, ensaísta ficcionista e fundador da Cinemateca Brasileira<sup>10</sup>.

A escritora, acredita em horóscopo do zodíaco, sempre destaca ser do signo de Aries, na casa Marte. A cor do signo é vermelha, mas acredita que o verde também faz parte, pois acredita ser metade esperança e metade paixão, fervor e cólera. Juntamente com Hilda Hilst, teve experiência com vozes de gravadores (uma experiência criada por Friedrich Jürgenson, que permitia, segundo ele, ouvir interferência de vozes de pessoas que já morreram, em textos ou músicas registradas em gravadores).

Lygia é romancista e cronista, suas histórias são marcadas de fantasias e terror, seus personagens são muito humanos e com sentimentos bem intensos, nos fazendo refletir sobre a condição humana. Para a autora seus textos nasceram de uma simples visão, imagens retidas na memória, frases ouvidas, sonhos e partes do cotidiano.

Mas a maior parte tem origens obscuras; afinal, o ato de criação literária é sempre um mistério onde há magia.

Impossível localizar criação e criatura. Separar a obra do criador. Sei que há escritores que conseguem se explicar tão bem, esclarecer o lado escuro do ofício. Eu não. Escrevo a esse corpo-a-corpo com a palavra já me toma todo o tempo, que se faz mais curto neste cotidiano devorador.

A função do escritor? Ser testemunha do seu tempo e da sua sociedade. Escrever por aqueles que não podem escrever. Falar por aqueles que muitas vezes esperam ouvir da nossa boca a palavra que gostariam de dizer. Comunicar-se com o próximo e se possível, mesmo por meio de soluções ambíguas, ajuda-lo no seu sofrimento e na sua esperança. (TELLES, 1984. p. 246.)

---

<sup>10</sup> A Cinemateca Brasileira é a instituição responsável pela preservação da produção audiovisual brasileira. Desde 1940, desenvolve atividades em torno da divulgação e da restauração de seu acervo, com cerca de 200 mil rolos de filmes. Fisicamente, está situada no Largo Senador Raul Cardoso, 207, em São Paulo.

A autora possui mais de 4 romances<sup>11</sup>, 19 contos<sup>12</sup>, 2 roteiros de cinema<sup>13</sup>, 1 para o teatro<sup>14</sup> e 3 para a televisão<sup>15</sup>, 10 participações em coletâneas<sup>16</sup>, 9 traduções<sup>17</sup>, 10 premiações<sup>18</sup> e foi indicada ao Prêmio Nobel de Literatura pela União Brasileira de Escritores em 2016.

---

<sup>11</sup> Ciranda de pedra, 1954

Verão no aquário, 1963

As meninas, 1973

As horas nuas, 1989

<sup>12</sup> Porão e sobrado, 1938

Praia viva, 1944

O cacto vermelho, 1949

Histórias do desencontro, 1958

Histórias escolhidas, 1964

O jardim selvagem, 1965

Antes do baile verde, 1970

Seminário dos ratos, 1977

Filhos pródigos, 1978 (reeditado como A estrutura da bolha de sabão, 1991)

A disciplina do amor, 1980

Mistérios, 1981

A noite escura e mais eu, 1995

Venha ver o por do sol

Oito contos de amor

Invenção e Memória, 2000 (Prêmio Jabuti)

Durante aquele estranho chá: perdidos e achados, 2002

Meus contos preferidos, 2004

Histórias de mistério, 2004

Meus contos esquecidos, 2005

<sup>13</sup> Capitu (roteiro); parceria com Paulo Emílio Salles Gomes, 1993 (Siciliano).

As meninas (adaptação), 1996

<sup>14</sup> As meninas, 1988 e 1998

<sup>15</sup> O jardim selvagem, 1978 (Caso especial - TV Globo)

---

Ciranda de pedra, 1981 (Novela - TV Globo)

Era uma vez Valdete, 1993 (Retratos de mulher - TV Globo)

<sup>16</sup> Gaby, 1964 (novela - in Os sete pecados capitais - Civilização Brasileira)

Trilogia da confissão, 1968 (Verde lagarto amarelo, Apenas um saxofone e Helga - in Os 18 melhores contos do Brasil - Bloch Editores)

Missa do galo, 1977 (in Missa do galo: variações sobre o mesmo tema - Summus)

O muro, 1978 (in Lições de casa - exercícios de imaginação - Cultura)

As formigas, 1978 (in O conto da mulher brasileira - Vertente)

Pomba enamorada, 1979 (in O papel do amor - Cultura)

Negra jogada amarela, 1979 (conto infanto-juvenil - in Criança brinca, não brinca? - Cultura)

As cerejas, 1993 (in As cerejas - Atual)

A caçada, 1994 (in Contos brasileiros contemporâneos - Moderna)

A estrutura da bolha de sabão e As cerejas, s.d. (in O conto brasileiro contemporâneo - Cultrix)

<sup>17</sup> Para o alemão:

Filhos pródigos, 1983

As horas nuas, 1994

Missa do galo, 1994

Para o espanhol:

As meninas, 1973

As horas nuas, 1991

Para o francês:

Filhos pródigos, 1986

Antes do baile verde, 1989

As horas nuas, 1996

W. M., 1991

Invenção e Memória, 2003

Para o inglês:

As meninas, 1982

Seminário dos ratos, 1986

Ciranda de pedra, 1986

Seu primeiro grande livro é Ciranda de pedra (1954), no entanto, já havia publicado, Porão e sobrado (1938) e Praia viva (1944), mas hoje, ambos se encontram

---

Para o italiano:

As pérolas, 1961

As horas nuas, 1993

Para o polonês:

A chave, 1977

Ciranda de pedra, 1990 (traduzido também para o chinês e espanhol).

Para o sueco:

As horas nuas, 1991

Para o tcheco:

Antes do baile verde, s.d. (traduzido também para russo)

Edições em Portugal:

Antes do baile verde, 1971

A disciplina do amor, 1980

A noite escura e mais eu, 1996

As meninas, s.d.

<sup>18</sup> Prêmio do Instituto Nacional do Livro (1958)

Prêmio Guimarães Rosa (1972)

Prêmio Coelho Neto, da Academia Brasileira de Letras (1973)

Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro (1980)

Prêmio Pedro Nava, de Melhor Livro do Ano (1989)

Melhor livro de contos, Biblioteca Nacional

Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro

Prêmio APLUB de Literatura

Prêmio Jabuti (Ficção) (2001)

Prêmio Camões (2005)

inacessíveis, pois a autora não quis que fossem reeditados, sobre o argumento de que deseja que conheçam o melhor dela mesma. Para Lygia:

Escrever é como uma ostra, aquele escargot refinadíssimo, o qual vamos abrindo sem saber muito bem o que virá. Mas, sim, o ato é carregado de dor e celebração. Prazer? Às vezes. Tenho um sentimento de autocrítica muito forte em relação ao meu trabalho (não gosto da expressão “obra”); me tomo inimiga de mim mesma quando estou escrevendo. Mas, apesar de tudo, existe o grão da loucura e da felicidade. (TELLES, 2007. p. 99).

### 2.3. Vi Deus e ele era uma mulher preta

E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.

Carolina Maria de Jesus, “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”.

Mulher, negra, favelada, catadora de papel, mãe solo, briguenta, semianalfabeta, curiosa, amante de livros e escritora, assim era Carolina Maria de Jesus. Nasceu em 14 de março de 1914, em uma pequena cidade, Sacramento, do estado de Minas Gerais. Marcada por uma infância pobre e uma família grande, com sete irmãos, começou a trabalhar cedo (como lavradora, auxiliar de cozinha e empregada doméstica) e estudou somente dois anos do ensino primário, entre 1923 a 1924, no Colégio Allan Kardec, uma instituição espírita, que se dedicava a um trabalho voltado às crianças pobres da cidade.

Na adolescência muda-se para São Paulo, onde passa a morar e trabalhar na casa de um médico, e apenas em 1948 mudou-se para a favela do Canindé<sup>19</sup>, onde viveu até 1960.

Foi nesta favela que nascem seus três filhos. O primeiro, João José de Jesus, nasceu em 1948, filho de um marinheiro português. José Carlos de Jesus, o segundo, nasceu em 1950, filho de um espanhol. Em 1953, nasceu a terceira e última filha, Vera Eunice de Jesus, cujo pai era um dono de fábrica e comerciante que nunca foi identificado.

Carolina conheceu o jornalista, Audálio Dantas, em 1958, quando este estava fazendo uma reportagem sobre a favela do Canindé. O jornalista se interessou pelos seus relatos escritos em trinta e cinco cadernos, todos em forma de diário, e assim publica um artigo sobre ela, na Folha da Noite. Em 1959, o jornalista publica trechos dos diários, na revista O Cruzeiro e em 1960 consegue publicá-los em forma de livro: Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada.

O livro, Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada, trata do cotidiano de Carolina na favela. Considerado um estilo de forma crua e realista, registrado na modalidade escrita em que ela se expressava (não houve alterações dessa escrita quando editada) o livro é uma narrativa da vida difícil de uma mulher negra, catadora de papel, solteira, e com três filhos para sustentar.

---

<sup>19</sup> A favela do Canindé ficava na margem esquerda do rio Tietê, em uma área de 34.500 metros quadrados da Prefeitura, possuía mais de 300 barracos no terreno. Fortes chuvas castigaram a cidade entre dezembro de 1960 e fevereiro de 1961, fazendo com que a área de várzea do rio ficasse inundada. Os moradores foram retirados em sua totalidade e realocados em um conjunto habitacional no Jabaquara, no que foi durante anos um modelo de sucesso de desfavelamento na cidade.

Apesar da pouca escolaridade da escritora e da miséria a que ela era submetida, Carolina, possuía uma sensível e perspicaz visão política sobre suas condições de vida e sobre a sociedade de um modo geral.

Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitoraes. O senhor Cantidio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era tão agradável. Tomava nosso café, bebia nas nossas xícaras. Ele dirigia as suas frases de viludo. Brincava com nossas crianças. Deixou boas impressões por aqui e quando candidatou-se a deputado venceu. Mas na Camara dos deputados não criou um progeto para benefciar o favelado. Não nos visitou mais.

.... Eu classifico São Paulo assim: O palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e acidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos. (JESUS, 2014. p.32.)

Carolina conseguiu sair da favela do Canindé em 1960, inicialmente morando no fundo da casa de um amigo em Osasco/SP. Posteriormente, passou a morar em uma casa no bairro Santana, também em São Paulo. É nesta casa que escreveu *Casa de Alvenaria: Diário de uma ex-favelada*, publicado em 1961, contando o cotidiano em seu novo lar. No entanto, Carolina, não conseguiu se adaptar ao novo lar e estilo de vida, e em 1969, mudou-se para seu sítio em Parelheiros, na periferia de São Paulo.

Apesar da grande repercussão dos seus primeiros livros, especialmente, *Quarto de despejo* que foi um fenômeno editorial, vendendo mais de 100 mil exemplares no primeiro ano e traduzido para quatorze idiomas<sup>20</sup>, Carolina de Jesus, acabou caindo no esquecimento do público leitor. Morreu aos 63 anos, no dia 13 de fevereiro de 1977, vitimada por uma crise de asma, em Parelheiros – SP.

---

<sup>20</sup> Obras de Carolina Maria de Jesus: *Quarto de Despejo*, 1960; *Casa de Alvenaria*, 1961; *Pedaços de Fome*, 1963; *Provérbios*, 1963; *Diário de Bitita*, 1982 (Póstumo).

## Capítulo 3 – Análises das obras

### 3.1. A Obscena Senhora D

A obra, *A obscena Senhora D*, da autora Hilda Hilst, lançado no ano de 1982, é uma mistura de poesia e dramatização, em prosa. Narrada pela personagem Hillé (1ª. pessoa), o enredo se desenrola com diálogos que se misturam a pensamentos, num fluxo de consciência bastante complexo para um leitor desatento. Assim a história não obedece a uma sequência cronológica, mas parece acompanhar o fluxo do pensamento da narradora-personagem que segue solto, associado às lembranças passadas e presentes, a diferentes situações e pessoas com quem a personagem convive, de quem recorda, a quem admira ou abomina e até com Deus.

A história inicia com Hillé “divagando”, em sua morada no vão da escada, onde passou a morar um ano antes de Ehud – seu amante e companheiro de longa data - morrer, indagando fases de sua existência e se envolvendo em questões pessoais e místicas. Após a morte de Ehud, os peixes do seu aquário também morrem. E, em um gesto possivelmente usual para uma senhora viúva, ela cria um ritual: toda semana faz peixes de papel pardo e os coloca em um aquário, pois não quer ver cor e nem vida. Um jeito de cultuar uma morte de alguém querido ou uma presença que já não está fisicamente mais com ela?

O leitor é convocado pelo título a conhecer uma senhora que sugere uma pessoa mais velha e a quem se tem deferência com um tratamento cerimonioso (senhora)<sup>21</sup>, mas que é também “obscena”<sup>22</sup>. Temos então uma primeira apresentação da personagem-narradora como alguém que sendo mulher mais velha, nem por isso será bem-comportada e dentro dos padrões de “normalidade”.

O título remete ainda para o “nome” desta Senhora com referência apenas de uma letra, “D”, que será explicada apenas com a leitura da obra. Esta senhora viúva chamada Hillé, que

---

<sup>21</sup> Senhora: 1. Fem. De senhor. 2. Dona de casa. 3. Esposa, mulher. 4. Tratamento cerimonioso ou cerimonioso dispensado às mulheres casadas ou àquelas que já não são tão muito jovens. (FERREIRA, p.1257). No dicionário on-line Michelis, outros significados para “senhora” podem ser localizados, como por exemplo: Tratamento cortês, dispensado (...) a qualquer mulher de certa condição social, com alguma idade ou idosa.(..). Aquela que é dona de alguma coisa; proprietária. Mulher poderosa, que exerce sua influência e poder. Proprietária da casa; patroa. (disponível: <http://michaelis.uol.com.br/>, acesso em maio de 2018).

<sup>22</sup> Obscena: “impudica; que se opõe ao pudor; que vai contra o pudor; grosseiro ou vulgar. Sem moral ou decência; que provoca indignação pela falta de moral; pornográfica. Diz-se da pessoa que se comporta de modo devasso; quem compõe ou escreve obscenidades.” (disponível: <http://michaelis.uol.com.br/>, acesso em maio de 2018).

tem por volta de 60 anos, que mora no vão embaixo da escada, tem um apelido criado por Ehud. Para ele, a inicial “D” significa Derrelição, que quer dizer desamparo, abandono:

...eu Hillé, também chamada por Ehud A Senhora D, eu Nada, eu Nome de Ninguém, eu à procura da luz numa cegueira silenciosa, sessenta anos à procura do sentido das coisas. Derrelição Ehud me dizia, Derrelição – pela última vez Hillé, Derrelição quer dizer desamparo, abandono e porque me perguntas a cada dia e não reténs, daqui por diante te chamo A Senhora D. D de Derrelição, ouviu? (HILST, 2016, p. 11)

Nos dicionários consultados<sup>23</sup>, a palavra vem definida como: ato de desamparar, de não dar proteção. Quem e o que seria desamparado ou abandonado? Quem não ampara e nem dá proteção? A ambiguidade da nomeação criada por Ehud poderia tanto indicar uma Senhora D que é abandonada ou desamparada (de si mesma? Pelos outros?), como uma Senhora D que desampara e não dá proteção (a si mesma? aos outros?). Do ponto de vista jurídico, os dicionários ainda dão outro sentido à palavra “derrelição: “(...). Abandono voluntário da coisa pelo proprietário com a intenção de não conservar a sua posse”.

Lembrando que o conhecimento da linguagem jurídica para Hilda Hilst fazia parte de sua formação como advogada, é possível pensar que essa expressão a ela atribuída pelo personagem Ehud pudesse ser associada a um “abandono voluntário da coisa pelo proprietário (abandono da própria Hilda de si mesma? Abandono de Ehud por Hillé? Desapego material de Hillé na vida terrestre? É possível, que o nome cunhado por Ehud para se referir à amante indicie uma relação de abandono, de desamparo ligada a Hillé ou ao modo como poderia ser caracterizada a relação entre eles.

A Senhora Obscena pode chocar o leitor porque esbraveja, porque é irreverente. Mas a Senhora D convoca também um clima de abandono, desamparo, de não apego a ninguém. Talvez, uma certa fragilidade.

---

<sup>23</sup> s.f. 1.Abandono; desamparo. D2. Jur. Abandono voluntário de coisa móvel com a intenção de não mais a ter para si. (FERREIRA, P. 435) ou “Ato de desamparar, de não dar proteção; abandono, desamparo. Abandono voluntário da coisa pelo proprietário com a intenção de não conservar a sua posse”.Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>, acesso em maio de 2018).

Hillé é também uma personagem que beira os extremos: vida e morte; tristeza e euforia; sarcasmo e seriedade filosófica; fé e descaso; união e solidão, como podemos ver no trecho a seguir:

Engolia o corpo de Deus a cada mês, não como quem engole ervilhas ou roscas ou sabres, engolia o corpo de Deus como quem sabe que engole o Mais, o Todo, o Incomensurável, por não acreditar na finitude me perdia no absoluto infinito. (HILST, 2016, p.12). [...] um dia me disseram: as suas obsessões metafísicas não nos interessam, senhora D, vamos falar do homem aqui agora. que inteligentes essas pessoas, que modernas, que grande cu aceso diante dos movietones, notícias quentinhas, torpes, dois ou três modernosos controlando o mundo, o ouro saindo pelos desodorizados buracos, logorreia vibrante moderníssima, que descontração, um cruzar de pernas tão à vontade diante do vídeo, alma chiiii morte chiiii, falemos do aqui agora. (HILST, 2016 p.16)

Entre o aqui e agora do cotidiano de Hillé, vemos a sua ânsia de ultrapassá-lo em sua finitude, imediatez e alcançar o “absoluto infinito” que é aceitar o corpo de Deus em toda sua magnitude. Uma personagem que parece estar “colada” coerentemente com a própria autora, em depoimentos dados em entrevistas, como podemos ler abaixo:

Não sou espírita nem adepta de nenhuma religião específica. Acredito na vida depois da morte e na reencarnação. Acredito na alma, em espíritos que podem nos proteger, em santos e anjos. Também acredito que devem existir almas menos evoluídas. Acredito na existência de outras dimensões, em discos voadores e na física quântica, que um dia vai explicar todos esses fenômenos. Além da experiência que fiz nos anos 70 com o gravador, tive inúmeras outras experiências e contatos significativos com esse outro plano. Já vi meu pai e minha mãe depois da morte. Eu acredito na vida eterna. (HILST; Hilda, 2013)

A Senhora D se mostra aos leitores questionadora, perguntadeira, inquieta, misturando crenças entre a certeza da vida eterna (cristã) e da física quântica (ciência), a existência de seres evoluídos, anjos e seres não terrestres. Ainda que na composição da obra nada seja simples, linear, ou tranquilo, e de estarmos diante de uma imagem de mulher um tanto “louca”, altamente questionadora, e incomum, é possível perceber, um outro lado: o de uma mulher instruída, envolvida com inquietações existenciais, culta, capaz de citar um personagem do autor Liev Tolstói, Ivan Ilitch:

Ehud, por favor, queria te falar, te falar da morte de Ivan Ilitch, da solidão desse homem, desses nada do dia a dia que vão consumindo a melhor parte de nós, queria te falar do fardo quando envelhecemos, do desaparecimento, dessa coisa que não existe mas é crua, é viva, o Tempo. (HILST, 2016, p.12).

A linguagem usada pela personagem-narradora é marcada por referências eruditas, em línguas distintas, como inglês e espanhol: “*espio-me curvada, windss flowers astonished birds, my name is Hillé, mein name madane D, Ehud is my husband, mio marido, mi hombre*” (HILST, 13/14, 2016), mas também por alguns desrespeitos às normas do uso da modalidade correta da língua e de uso de palavras de baixo calão, que podem causar uma estranheza ou até um pouco de dificuldade de compreensão aos leitores comuns:

o podre cu de vocês/ vossas inimagináveis pestilências/ bocas fétidas de escarro e estupidez/ gordas bundas esperando a vez de que? De cagar nas panelas/ sovacos de excremento/ buraco de verme no oco dos dentes/o pau do porco/a buceta da vaca

a pata do teu filho cutucando o ranho/as putas cadelas/imundos vadios mijando no muro/o pó o pinto do socó o esterco o medo, olha a cançãozinha dela, olha o rabo da víbora, olha a morte comendo o zoio dela, olha o sem sorte, olha o esqueleto lambendo o dedo/o sapo engolindo o dado/o dado no cu do lago, olha lá no fundo (HILST, 2016, p.2-29).

Durante toda a obra, a autora constrói Hillé, como uma narradora-personagem que é forte porque questiona o mundo de forma intensa, uma mulher que não quer se submeter (passivamente) a si própria, aos homens, à vida, ao mundo, a Deus. Um “alguém-mulher”, de quem ela tem uma desastrada lembrança, mas da qual não pode fugir:

há uma desastrada lembrança de mim mesma, alguém-mulher querendo compreender a penumbra, a crueldade-quadrados negros pontilhados de negro – alguém-mulher caminhando levíssima entre as gentes, olhando fixamente as caras, detendo-se no aquoso das córneas, no maldito brilho. (HILST,2016, p.13)

Hillé causa incômodo às pessoas ao seu redor, por não cumprir o “papel de mulher” que a sociedade impõe. Os vizinhos, se referem a ela como “porca” – animal impuro e indomesticável- e a consideram louca, por morar no vão da escada, não ter contato com ninguém, aparecer gritando, xinagando, usando máscaras na janela da sua casa ou, até mesmo se apresentar nua diante das pessoas.

Ao marido, “incomoda” com suas perguntas e pelas atitudes de uma esposa relapsa:

Que amou Ehad ela diz, ó por favor, enquanto o coitado viveu, atormentou neurônios e sentidos do afável senhor, sempre o enrodilhado perguntante, na hora da comida, da trepada, do sono, até na privada inventou que a luz de uma osáceas incidia na coxa, reverberava nos ladrilhos, que até ali estava o Senhor, quero dizer até ali o fulgor de alguma coisa viva que ela não sabia. Ehad manso, chinelo, o jornal na mão, à espera de um café que ela nunca fazia.

Sim, Hillé, por certo deve estar por aí o teu Senhor.

Sinuosa, juncos torcidos de intrigas metafísicas, aos poucos foram se afastando dela, alguns casais, supostos amigos, perguntavas às madamas de repente:

Você sente às vezes o irreal desses ires e vires, o ininteligível de todos os passos, hem, sente? A madama olhava o marido, abestada, o marido dizia: sabe, Hillé, minha mulher não entende essas angústias da gente. (HILST, 2016, p.45).

Ao decorrer do enredo, percebemos que as inquietações de Hillé eram tantas e profundas que afetavam suas relações sexuais com o marido: perda da libido ou levantamento de suspeita sobre a entrega total do corpo dela para o Outro e/ou para o Porco-Menino:

és Hillé apenas, Hillé que pode ser feliz só sendo assim tocada, não é bom? Fecha os olhos procura imaginar o vazio, o azul seboso, pequenos tombos, eu um homem te tocando porque te amo e porque o corpo foi feito para ser tocado, toca-me também sem essa crispação, é linda a carne, não mete o Outro nisso, não me olhes assim, o Outro ninguém sabe, Hillé, Ele não te vê, não te ouve, nunca soube de ti, sou eu Ehad sopro e ternura, sim claro que também avidez e sombra muitas vezes é apenas um homem que te toca, e metemos, é isso senhora D, merda, é apenas isso

se muere alguien?

agora vamos, tira a roupa, pega, me beija, abre a boca, mais, não geme assim, não é para mim esse gemido, eu se, é para esse Porco-Menino que tu gemes, pro invisível, pra luz pro nojo, fornicas com aquele Outro, não fodes comigo, maldita, tu não fodes comigo. (HILST, 2016, p.36/37)

Definir ou identificar a quem a narradora (nomeada como porca pelos vizinhos) se refere como Porco-Menino ou Menino-Porco é difícil. Trata-se de uma nomeação metafórica, em que se pode atribuir a Deus ou a um outro personagem ficcional criado por ela:

Desamparo, Abandono, assim é que nos deixaste Porco-Menino, menino-porco, tu alhures algures acolá lá longe no alto aliors, no fundo cavucando, inventando sofisticadas maquinarias de carne, gozando o teu lazer: que o homem tenha um cérebro sim, mas que nunca alcance, que sinta amor sim mas nunca fique pleno, que intua sim meu existir mas que jamais conheça a raiz do meu ínfimo gesto, que sinta paroxismo de ódio e de pavor a tal ponto que consuma e assim me liberte, que aos poucos deseje nunca mais procriar e eu coma o cu do outro, que rasteje faminto de todos os sentidos, que apodreça homem, que apodreças, e decomposto, corpo vivo de vermes, depois urna de cinza, que os teus pares te esqueçam, que eu me esqueça e focinhe a eternidade à procura de uma melhor ideia, de uma desengonçada geometria, mais êxtase para minha plenitude de matéria, licores e ostras. (HILST, 2016, p.21/22).

O livro termina com a morte de Hillé, que neste momento está rodeada de cães, vizinhos, uma porca que entrou em sua casa e acabou convivendo com ela e com um menino, que a vizinha não conhece, mas que diz conhecer Hillé muito bem, o Porco-Menino.

Hillé era turva, não?/ um susto que adquiriu compreensão. /que cê disse, menino?/ o que você ouviu: um susto que adquiriu compreensão. isso era Hillé./ Ahn. cê é daqui, menino?/ eu moro longe. mas conheci Hillé muito bem. / como cê chama? me chamam de Porco-Menino./ Por quê?/ Porque eu gosto de porcos. Gosto de gente também./ Ahn. (HILST, 2016, p.51-52)

Se, por diversas vezes, Hilda Hilst expressou a existência de uma incompreensão do grande público leitor por sua obra e insistiu na possibilidade de um diálogo entre vivos e mortos, segundo recente reportagem da Folha de S. Paulo, só, “quinze anos após sua morte”, as provas que ela tanto buscou - mortos que podem mesmo falar com os vivos’(MEIRELES, 2018, C.1) - são possíveis de serem encontradas. Atualmente, Hilda Hilst, depois de morta, pode conversar com inúmeros leitores de suas obras, alcançando fama e prestígio junto à academia e tendo várias de suas obras reeditadas, por editoras de circulação nacional.

### 3.2. As meninas

As meninas, de Lygia Fagundes Telles traz a história de Lorena, Lia e Ana Clara, universitárias em São Paulo, que residem no “Pensionato Nossa Senhora de Fátima” dirigido por freiras. O livro foi lançado em pleno regime militar (1964-1985) e o enredo se desenrola neste período, provavelmente em 1969, uma vez que nele é citado o histórico sequestro do embaixador americano, Charles Elbrick.

A obra é narrada a partir de diferentes pontos de vista e estilos: ora em primeira pessoa, deslocando-se também para o fluxo de consciência e um monólogo interior; ora há uma alternância de uma personagem para a outra e, em alguns momentos, volta-se para o narrador onisciente, em terceira pessoa. Assim, detalha o universo particular de cada uma das protagonistas, trazendo temas como repressão, radicalização política e tortura, além de um relato verdadeiro de tortura, temas que eram proibidos no momento histórico em questão.

A história se inicia com Lorena Vaz Leme (Lena) pensando em Marcus Nemesius, um médico casado, pelo qual está perdidamente apaixonada. A autora usa como estratégia de escrita as iniciais do nome do médico (M.N.) como se quisesse esconder sua identidade real aos leitores da obra. Lena parece nutrir por este homem uma paixão platônica, com quem quer se casar e de quem não sabemos se é fruto de sua imaginação, se um personagem que a ilude”, ou ainda, se alguém que não pode ser conhecido pelos demais personagens da trama e não pode demonstrar qualquer ação de aproximação com a menina, conforme vemos no trecho a seguir:

- Por favor, não me julgue, só me entrevista. Não sei mentir, estaria mentindo se dissesse que me preocupo com as mulheres em geral, me preocupo só comigo, estou apaixonada. Ele é casado, velho, milhares de filhos. Completamente apaixonada.

- Uma pergunta indiscreta, posso? Você é virgem?

- Virgem.

Depois de pedir licença, Lia descascou metade da banana que empunhava. Abocanhou um pedaço e respirou com ênfase. Falou de boca cheia:

- Quer dizer que não são amantes. Será ousadia minha perguntar o motivo?

- Ele não quer. Nem me procura mais, faz um montão de dias que nem me telefona.

- Mas trata-se de um impotente? De um homossexual? Se não me falha a memória, ouvi qualquer coisa sobre filhos, não ouvi?

- Ele é um gentleman.

- Ah.

- Mas se me chamasse como a última das moicanas juro que iria correndo, correndo, você me chamou? Ia morar com ele num porão, debaixo da ponte, na estrada, no bordel, Lião, Lião – choramingou ela afastando a banana. – Não quero mais brincar, estou tão triste. (TELLES, 1984, P. 138)

Se virgem e se romântica, disposta a viver com o amor debaixo da ponte ou em um bordel, Lena também é descrita como uma apaixonada por música e poesia, além de ser uma generosa menina rica, disposta a sempre ajudar financeiramente suas amigas, Lião e Ana Turva. A “pobre” menina rica é marcada por sérios problemas familiares: seu pai morreu em um sanatório; sua mãe casou-se com um homem mais novo que gasta toda sua fortuna; seu irmão, Remo, vive viajando.

Sua personagem é construída de forma ambígua deixando o leitor em suspenso sobre o que faz parte de sua história e o que é fruto de uma imaginação fértil ou de uma possível fantasia doentia herdada de seu pai. Além do amor pelo velho médico mal compreendida pelos outros personagens, há também uma história desmentida pela própria mãe de Lena a respeito da perda do irmão, Rômulo.

Segundo Lena, a morte de Rômulo foi por causa de um um tiro disparado por Remo, enquanto eles brincavam. No entanto, Lia conhece outra versão ao conversar com sua mãe:

- Aquela arvorezinha de retratos, o menino é Rômulo ou Remo?

- Remo. Rômulo não podia estar ali.

- Não?

- Morreu nenenzinho, querida.

- Nenenzinho?

- Não tinha nem um mês, não chegou a nem isso. O médico disse que ele não tinha viabilidade. Um sopro no coração.

Levantei-me com uma vontade maluca de puxar aqueles panos, arrancar tudo e fazer entrar a luz do dia. Mas ainda era dia?

- Um momento: o Remo deu um tiro nele enquanto brincavam, não foi isso?

Um tiro no peito, teria uns doze anos, não foi isso que aconteceu? Milhares de vezes Lorena contou essa história com detalhes, ele era alourado. Vestia uma camisa vermelha, vocês moravam na fazenda.

Ela está sorrindo dolorida, olhando o teto.

- Minha pobre filhinha. Nem conheceu o irmão, é a caçula. Era menininha ainda quando começou a inventar isso, primeiro só aos empregados que vinham me perguntar, eu nem negava, disfarçava, que mal tinha? Continuou falando, na escola, nas festas, o caso começou a ficar mais sério, oh Deus, o mal-estar que eu sentia quando queriam saber se... Não queria que pensassem que ela estive mentindo, foi sempre uma criança tão verdadeira. Os médicos nos acalmaram, que não tinha essa gravidade, ia passar com o tempo, imaginação infantil rica demais, quem sabe na adolescência? Não passou. Roberto foi sempre tão confiante, tão seguro, me tranquilizava, não é nada. Falei com Dr. Francis, teve uma entrevista com Loreninha, achou a inteligente, sensível. Está me compreendendo, querida? Não deu também maior importância. (TELLES, 1984, p..207-208)

A segunda menina, Lia de Melo Schultz (Lião), é filha de uma baiana com um alemão ex-nazista. A moça estuda Ciências Sociais (no momento do livro, havia trancado a faculdade), é apaixonada por Che Guevara e Karl Marx, guerrilheira e escritora de um jornal do movimento revolucionário. Seu namorado, Miguel, está preso por causa dos movimentos em voga na época. Por isso, no decorrer do livro, busca conseguir dinheiro, com Lia e sua família, para ir para Argélia com o namorado, uma vez que este seria exilado.

Diferentemente da romântica Lena, ela acredita na liberdade política e sexual de gênero. Está sempre trazendo assuntos sociais aos que estão ao seu redor e faz com que não apenas eles, mas também nós, leitores, reflitamos a respeito de tais questões. É através de Lião que a autora traz o relato de preconceitos tanto raciais, quanto religiosos e ainda de gênero, como podemos ver no trecho a seguir:

- Não quero ser rude, mãezinha, mas acho completamente absurdo se preocupar com isso. A senhora falou em crueldade mental. Olha aí a crueldade máxima, a mãe ficar se preocupando se o filho ou filha é ou não homossexual. Entendo que se aflija com droga e etcétera, mas com o sexo do próximo? Cuide do próprio e já faz muito, me desculpe, mas fico uma vara com qualquer intromissão na zona sul do outro, Lorena chama de zona sul. A norte já é tão atingida, tão bombardeada, mas por que as pessoas não se libertam e deixam as outras livres? Um preconceito tão odioso quanto o racial ou religioso. A gente tem que amar o próximo como ele é e não como gostaríamos que ele fosse. (TELLES, 1984, p. 206-207)

É esta personagem que defenderá o discurso da esquerda, da quebra das instituições tradicionais (casamento) e do falso moralismo, da liberdade de sexo e de uso de drogas em nome do respeito e confiança aos valores do próximo:

- E se ela se casar com uma droga de homem e depois virar aí uma qualquer porque não sabe fazer outra coisa? Já pensou nisso? Me desculpe falar assim duro, mas vai ter que prestar contas a Deus se começar com essa história de

dizer, case depressa, filhinha, porque senão seu paizinho não morre contente. Se acreditar nela, aposto como vai querer merecer essa confiança, vai ser responsável. Se não for, é porque não tem caráter, casada ou solteira ia dar mesmo em nada. (TELLES, 1984, p.190-191).

A terceira e a mais bela das meninas é Ana Clara Conceição, chamada de Ana Turva, estudante de Psicologia, também desiste do curso assim como o fizera Lia.

Sua personagem distinta das demais é construída como uma menina de origem pobre, usuária de drogas, racista e que sonha em ser rica e modelo de passarela. Sua história é marcada por diferentes dificuldades: filha de pai desconhecido e de prostituta, sofreu abusos sexuais na infância e abandonou sua casa após encontrar a mãe morta por ingerir formicida para provocar um aborto. Namora e é apaixonada pelo traficante Max, ao mesmo tempo, que está noiva de um homem rico, chamado por ela de “escamoso”. O sexo para ela é desprovido de qualquer prazer, pois ela é apresentada como uma personagem calculista, frígida e insensível tanto do ponto erótico quanto de sentimentos: “Casar por amor ora. Se com este daqui que amo às raías não sinto nada imagine só como vai ser com aquele escamoso. Me atochou de óleo e fico ganindo” (TELLES, 1984, p.77). No decorrer do enredo, grávida de Max, ela pede ajuda a Lena para fazer o aborto e uma cirurgia de reconstrução do hímen, para que seu casamento marcado com o homem rico, se concretize.

Diferentemente da narradora Carolina de Jesus (Quarto de despejo), a imagem desta mulher cheia de problemas desde sua infância – Ana Turva - parece ser uma justificativa da autora para o comportamento pouco ético e moral desta personagem que busca em um casamento rico a solução de sua vida: romper com as drogas e com a terapia, voltar a estudar: “Com dinheiro e casada não precisaria mais de nenhuma ajuda, ora, análise. Nenhum problema mais à vista. Livre. Destrancaria a matrícula, faria um curso brilhante. Os livros que teria que ler. As descobertas sobre si mesma. Sobre os outros.” (TELLES, 1984, p.36)

A narrativa que envolve Ana Clara é a mais confusa entre as das outras personagens. Ela é misturada de situações que ocorrem em tempos distintos: presente, passado e futuro. Talvez essa tenha sido uma estratégia intencional da autora, um fluxo de pensamento, confuso e incoerente, uma vez que a personagem é apresentada, por diversas vezes como: drogada; inventadora de inúmeras histórias, passando-se por outras pessoas (até por Lorena); vítima de vários traumas psicológicos na infância.

As histórias das meninas terminam com a morte de Ana Clara provocada por uma overdose após ter sido mais uma vez abusada por um homem que conhecera em um bar e pelo

qual construiu uma fantasia paterna. A de Lia, com sua partida para a Argélia e a de Lena, termina com ela voltando às aulas da Faculdade de Direito, afinal a greve acabara.

As Meninas são personagens que diferentemente construídas representam mulheres de percursos distintos histórica e socialmente datados: uma rica que vive em torno de suas fantasias; uma guerrilheira em luta por uma sociedade mais justa e questionadora de preconceitos sociais; uma jovem drogada, vítima de abusos sexuais e dos traumas vividos por ela. Unidas em um mesmo espaço – o internato - tornam-se amigas, sem cobranças e críticas pelas personalidades e comportamentos tão distintos entre elas, e se ajudam mutuamente, em um dos momentos mais politicamente tumultuados do Brasil. Em comum, são personagens femininas que vivenciam o sentimento da solidão: pela perda da família, pelos abusos sexuais, pela inconformidade com o mundo injusto e preconceituoso.

### 3.2. Quarto de despejo, diário de uma favelada

Falar sobre a mulher representada na obra Quarto de despejo, diário de uma favelada, da autora, Carolina Maria de Jesus (1914-1977), é uma tarefa muito difícil porque se trata de uma autobiografia, em que narradora, personagem e autora se confundem, se cruzam e complexificam a tarefa de distinguir ficção e realidade, sensibilidade e racionalidade.

Os registros no diário são escritos entre 15 de julho de 1955 a 1 de janeiro de 1960, marcados pela preocupação (repetida) da narradora com o sustento dos filhos, para lhes comprar pão e até mesmo, para dar-lhes de presente um par de sapatos nos seus aniversários. A primeira cena é justamente aquela em que ela relata a carestia dos preços dos alimentos e sua dificuldade em gastar dinheiro com presentes ainda que úteis e necessários para a família:

15 de julho de 1955 Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimenticios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. (JESUS, 2014, p. 11).

A preocupação de Carolina em dar o que comer para seus filhos e sua falta de dinheiro são os assuntos/motes da obra, que repetidamente registrados, mostram a importância deste aspecto na vida das pessoas mais simples e pobres:

Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se. (JESUS, 2014, p.11).

Mãe de três filhos, Carolina não conta com a ajuda dos pais para criá-los. No entanto, esporadicamente recebe pensão e a visita do pai de Vera, homem com mais recursos financeiros, mas que não assume oficial e publicamente a paternidade:

“O pai da Vera é rico, podia ajudar-me um pouco. Ele pede para eu não divulgar-lhe o nome no Diario, não divulgo. Podia reconhecer o meu silêncio. E se eu fosse uma destas pretas escandalosas e chegasse lá na oficina e fizesse um escândalo?” (JESUS, 2014, p.178).

Ela se autodescreve como uma pessoa distinta em sua comunidade: uma mulher independente dos homens e de instituições sociais e religiosas, uma preta não escandalosa e “barraqueira”, uma mãe que mantém sua dignidade, seu sossego, sua “felicidade” às custas de seu próprio trabalho:

“Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade.” (JESUS, 2014, p.16). [...] Os meus filhos não são sustentados compão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu bacarrão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do bacarrão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas. (JESUS, 2014, p.16-17).

Seus envoltimentos amorosos não superam o zelo que ela tem pelos filhos, separando seu amor maternal do carnal, distinguindo-se provavelmente daquelas mulheres que abandonam o lar ou colocam “estranhos” em sua casa: “O homem entra pela porta. O filho é raiz do coração.” (JESUS, 2014, p.49).

Não vive de caridade, tampouco é sustentada pelos homens que subjagam suas mulheres ou lhes impõem as piores condições: “Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles impunham eram horríveis.” (JESUS, 2014, p.16-17).

A narradora sugere para si a imagem de uma mulher decidida e independente, entregue a romances e ao sexo, como ela expõe sobre Manoel, com quem se deita, mas a quem recusa o pedido de casamento:

...Quando ele passa uns dias sem vir aqui, eu fico lhe chingando. Falo: quando ele chegar eu quero expandar-lhe e lhe jogar agua. Quando ele chega eu fico sem ação.

Ele disse-me que quer casar-se comigo. Olho e penso: este homem não serve para mim. Parece um ator que vai entrar em cena. Eu gosto dos homens que pregam pregos, concertam algo em casa.

Mas quando eu estou deitada com ele, acho que ele me serve. (JESUS, 2014, p.136).

Ou então, quando ela narra sua paixão pelo cigano Raimundo, “Entre eu e o cigano existe uma atração espiritual. Ele não queria sair do meu barraco. E seu eu pudesse não lhe deixava sair.” (JESUS, 2014, p.149).

Sua imagem de mulher emancipada, provedora de seu sustento e não casada, que ainda por cima lê e escreve (apesar de pouco estudo) é para ela causa de discriminação da vizinhança, conforme destaca ao longo do seu diário:

1 de julho ... Eu percebo que se este Diário for publicado vai maguar muita gente. Tem pessoa que quando me vê passar saem da janela ou fecham as portas. Estes gestos não me ofendem. Eu até gosto porque não preciso parar para conversar. (JESUS, 2014, p.78).

Carolina se apresenta aos leitores como preta, favelada, pobre, uma mulher forte, superior a muitas outras que vivem na favela: independente, esperta, apaixonada pela leitura e escrita, conhecedora de seus direitos e deveres, crítica dos costumes, da Igreja e de práticas políticas enganadoras da população. Mesmo aceitando uma possível rejeição e não despertando credibilidade em sua comunidade, ela produz em sua escrita, a imagem de uma mulher com uma autoestima positiva:

Assim que cheguei a Florenciana perguntou-me:

- De que partido é aquela faixa?

Li P.S.<sup>24</sup>B. e respondi Partido Social Brasileiro. Passou o senhor Germano, ela perguntou novamente:

- Senhor Germano, esta faixa é de que partido?

- Do Janio<sup>25</sup>!

Ela rejubilou-se e começou dizer que o Dr. Ademar de Barros é um ladrão. Que só as pessoas que não presta é que aprecia e acata o Dr. Adhema<sup>26</sup>r.

Eu, e D. Maria Puerta, uma espanhola muito boa, defendíamos o Dr. Adhemar. D. Maria disse:

- Eu, sempre fui ademarista. Gosto muito dele, e de D. Leonor.

A Florenciana perguntou:

- Ele já deu esmola a senhora?

---

<sup>24</sup> Na verdade, Partido Socialista Brasileiro, que tinha apoiado Jânio Quadros ao governo do Estado de São Paulo no ano anterior e que então apoiava Juarez Távora à Presidência da República. (N.E.)

<sup>25</sup> Jânio Quadros (1917-1992): vereador e deputado estadual por São Paulo, foi prefeito da capital e governador do Estado, antes de chegar à Presidência da República em 1961, renunciando sete meses depois de assumir o cargo. (N.E.)

<sup>26</sup> Ademar de Barros (1901- 1969): político paulista, foi por duas vezes governador do Estado. (N.E.)

- Já, deu o Hospital das Clínicas. (JESUS, 2014, p.17-18)

Ela é uma pessoa humilde que não se deixa enganar por falsas promessas, não vende seu voto por esmolas, que não se curva às adversidades e reconhece as ações políticas que realmente ajudam a população ou as, informações que podem orientar um viver familiar com dignidade e respeito:

8 de dezembro ... De manhã o padre veio dizer missa. Ontem ele veio com o carro capela e disse aos favelados que eles precisam ter filhos. Penso: porque há de ser o pobre quem há de ter filhos – se filhos de pobre tem que ser operário?

Na minha fraca opinião quem deve ter filhos são os ricos, que podem dar alvenaria para os filhos. E eles podem comer o que desejam.

Quando o carro capela vem na favela surge vários debates sobre a religião. As mulheres dizia que o padre disse-lhes que podem ter filhos e quando precisar de pão podem ir buscar na igreja.

Para o senhor vigário, os filhos de pobres criam só com pão. Não vestem e não calçam. (JESUS, 2014, p.142)

Crítica à política e à igreja, também o é em relação ao racismo e preconceito, vivenciados por ela e aceitos com resignação e passividade: “No sexto andar o senhor que penetrou no elevador olhou-me com repugnância. Já estou familiarizada com estes olhares. Não entristeço.” (JESUS, 2014, p.111).

Apesar da escrita de cenas narradas com dor, desconsolo e tristeza, a obra tem fragmentos mais sensíveis, com uma modalidade da língua mais trabalhada e com certa pretensão poética, como por exemplo: “Ablui as crianças, aleitei-as e ablui-me e aleitei-me. Esperei até as 11 horas, um certo alguém. Ele não veio. Tomei um melhora e deite-me novamente. Quando despertei o astro rei deslisava no espaço”. (JESUS, 2014, p.11).

Quarto de despejo, diário de uma favelada, termina em 1 de janeiro de 1960, com a narradora Carolina, na favela do Canindé, indo buscar água, após quase sete meses da sua matéria publicada na revista Cruzeiro e sem qualquer alteração ainda no rumo de sua vida.

## Considerações Finais

Começamos este trabalho com o objetivo de compreender como as escritoras Hilda Hilst, Lygia Fagundes Telles e Carolina Maria de Jesus construíram suas protagonistas femininas em suas respectivas obras *A obscena Senhora D*, *As meninas* e *Quarto de despejo*, diário de uma favelada.

Salientamos que as autoras tiveram diferentes trajetórias pessoais, sociais e intelectuais entre elas. Hilda Hilst e Lygia Fagundes Telles foram criadas em famílias mais abastadas, começaram a escrever desde meninas, cursaram direito na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Uma considerada uma “dama” e a outra “louca”, mas apesar dessas diferenças eram muito amigas. Já Carolina, foi uma mulher negra, pobre, quase sem estudos e sustentava seus filhos sem ajuda de ninguém.

Como na vida pessoal dessas autoras, as imagens das mulheres representadas nas três obras escolhidas mostram-se distintas não só no período de vida em que elas viviam: na juventude; na maturidade; após os 60 anos. Os sonhos, as expectativas, as lutas de cada uma delas ganham força também nas opções a elas colocadas e vividas: às universitárias dos anos 70, mulheres brancas e de classe média, o amor, a traição e o casamento; a atuação política; a entrega às drogas e ao sexo sem amor (*As Meninas*, de Telles, 1984); à mulher marginalizada, negra e pobre, a luta pela sobrevivência cotidiana de sua família (*Quarto de Despejo*, de Jesus, 2014); à senhora reclusa, intelectual e polêmica, as misérias e vicissitudes da condição humana no nosso mundo, além morte e da vida extraterrestre, em *A Obscena Senhora D* (de Hilst, 2016).

Além de revelar algumas facetas das imagens femininas representadas no corpus selecionado para análise: *As Meninas*, de Lygia F. Telles; *A obscena Senhora D*, de Hilda Hilst e *Quarto de Despejo*, de Carolina M. De Jesus, esse trabalho também apresentou uma pequena biografia dessas autoras.

E assim, chegamos ao fim deste trabalho, que partiu de uma paixão por literatura e principalmente pela escritora Hilda Hilst. O percurso para chegar até aqui não foi fácil, foram quase dois anos, recheados de dias de choros, desespero e ansiedade, muita leitura e pesquisa, afinal, apesar da ótima parceria com minha orientadora, o trabalho de conclusão de curso é um processo solitário. Mas, principalmente, foram dias de descobertas, conhecimentos e encantos (quando conheci a “Casa do Sol” ou os dias na FLIP – Feira Literária Internacional de Paraty/RJ, Hilda Hilst foi a autora homenageada em 2018).

Apesar de ter alcançado o objetivo deste trabalho, ainda há muito para se falar, pois a cada releitura das obras escolhidas, é possível perceber mais aspectos das protagonistas. Aspectos esses que podem ser atuais e ajudar a compreender uma determinada época e sociedade. Como foi possível perceber a independência dessas mulheres, em uma época em que o feminismo não era tão forte ou conhecido. Também, não podemos esquecer, que além dessas obras, as autoras Hilda Hilst, Lygia Fagundes Telles e Carolina Maria de Jesus possuem obras extensas que seriam uma honra analisar suas personagens.

Acreditamos que este trabalho tem sua importância no campo da pedagogia, mesmo sendo obras para adultos, traz a literatura feminina, brasileira e distintas, tornando assim possível uma melhor compreensão das mulheres, seus direitos e sua história, além do incentivo a leitura, prática fundamental ao educador.

## Referências

- AMORIM, Fabiana. O canto vigoroso de duas mulheres. Disponível em: <<https://www.hildahilst.com.br/wp-content/uploads/2016/12/O-canto-vigoroso-de-duas-mulheres.pdf>>. Acesso em 27/11/17, 17:02 hs.
- AZEREDO, Mônica Horta. A representação do feminino heróico na literatura e no cinema: uma análise das obras Quarto de despejo: diário de uma favelada (Carolina Maria de Jesus), Estamira e Estamira para todos e para ninguém (Marcos Prado), De salto alto e Tudo sobre minha mãe (Pedro Almodóvar). (Doutorado em Literatura). Brasília, Universidade de Brasília, 2012.
- CHARTIER, R. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger (org.). Práticas de Leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- COELHO, Nelly Novaes. A literatura feminina no Brasil contemporâneo. São Paulo: Siciliano, 1993.
- COELHO, Nelly Novaes. Tendências atuais da literatura feminina no Brasil. In: COELHO, Nelly Novaes (org.). Feminino Singular: a participação da mulher na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: GRD; Rio Claro, SP: Arquivo Municipal, 1989. p. 3-13.
- COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Coletivo Cultural Esperança Garcia: Biografia Carolina Maria de Jesus. Disponível em: < <http://esperanca-garcia.blogspot.com.br/2010/07/biografia-carolina-maria-de-jesus.html> >. Acesso em 03 de outubro de 2016.
- COSTA, Albertina de O. E BRUSCHINI Cristina. (Org.) Uma questão de gênero. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos/São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1992.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Para não ser trapo no mundo: as mulheres negras e a cidade na narrativa brasileira contemporânea. Estud. Lit. Bras. Contemp., Dez 2014, no.44, p.289-302.
- DARNTON, R. A questão dos livros. Passado, presente e futuro. São Paulo, Companhia das Letras, 2010. 232 p.
- DINIZ, Cristiano (org.). Fico besta quando me entendem: entrevistas com Hilda Hilst. São Paulo: Globo, 2013.
- DINIZ, C. Fortuna Crítica de Hilda Hilst: Levantamento Bibliográfico atualizado (1949 – 2018). Campinas, SP: UNICAMP/IEL/Setor de Publicações; UNICAMP/IEL/CEDAE, 2018. [e-book].
- DUARTE, Eduardo de Assis. Iracema: A expansão portuguesa sob o signo de Eva. In: RAMALHO, Christina (org.). Literatura e feminismo: proposta teóricas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Elo, 1999. p. 195-202.
- ELEUTÉRIO, M. Lourdes. Vida de romance. As mulheres e o exercício de ler e escrever no entreséculos, 1890-1930. Rio de Janeiro, Topbooks, 2005.

FERREIRA, N.S. A. A prática de 'ler literatura' como distinta de muitas outras práticas de leitura. Nuances (UNESP Presidente Prudente), v. 21, p. 76-92, 2012. Disponível em: < <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances>>. Acesso em 02 de novembro de 2018.

FOLHA DE POESIA. Folha de poesia: artes, ideias e o sentimento de si: Carolina Maria de Jesus. Disponível em: < <http://folhadepoesia.blogspot.com.br/2016/07/carolina-maria-de-jesus.html> >. Acesso em 03 de outubro de 2016.

GONÇALVES, Marco Antonio. Um mundo feito de papel: sofrimento e estetização da vida (os diários de Carolina Maria de Jesus. Horiz. antropol. vol.20 no.42 Porto Alegre July/Dec. 2014.

GUIMARÃES, Cinara L. A obscena Senhora D, de Hilda Hilst, e as relações entre Eros, Tânatos e Logos. (Mestrado em Literatura e Cultura). João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 2007.

HILST, Hilda. Da poesia. Hilda Hilst. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HILST, Hilda. A obscena Senhora D. 1ª ed. São Paulo: Mediafashion, 2016.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de Despejo: Diário de uma favelada. Carolina Maria de Jesus; ilustração Vinicius Rossignol Felipe. – 10. Ed. – São Paulo: Ática, 2014. 200p.il

JOZEF, Bella. A mulher e o processo criador. In: COELHO, Nelly Novaes (org.). Feminino Singular: a participação da mulher na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: GRD; Rio Claro, SP: Arquivo Municipal, 1989. p. 43-59.

MEIRELES, Maurício. Obscena Senhora. In: Folha de S. Paulo., C1, Ilustrada, 2 de junho de 2018.

MELLO, Evelyn Caroline de. Olhares femininos sobre o Brasil: um estudo sobre As meninas, de Lygia Fagundes Telles. (Mestrado em Estudos Literários). Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Júlio de Mesquita Filho I, Faculdade de Ciências e Letras - 2011.

OLIANI, Nara Gonçalves. As representações da mulher em As meninas, de Lygia Fagundes Telles. (Mestrado em Literaturas em Língua Portuguesa). São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2013.

OLIVEIRA, Leandro Silva de. Representações do corpo na obra de Hilda Hilst. (Mestrado em Teoria e História Literária na área de Teoria e Crítica Literária. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2013.

PESQUISA FAPESP. No tempo da delicadeza. Disponível em: < <http://revistapesquisa.fapesp.br/2016/10/25/no-tempo-da-delicadeza/>>. Acesso em 23 de novembro de 2017.

PETIT, M. A arte de ler ou como resistir à adversidade. SP, Editora 34, 2ª edição, 2010, 1ª. reimpressão 2012.

RODRIGUES, Vanessa Aparecida Ventura. As marcas da memória na escrita de As meninas, de Lygia Fagundes Telles. (Mestrado em Estudos Literários). Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Júlio de Mesquita Filho I, Faculdade de Ciências e Letras - 2014.

TELLES, Lygia Fagundes. As meninas. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

TELLES, Lygia Fagundes. Venha ver o pôr-do-sol e outros contos/Lygia Fagundes Telles, ilustrações Dave Santana e Maurício Paraguassu. – 20. Ed. – São Paulo: Ática, 2007.

TODESCHINI, Maria Thereza. O mito em jogo: um estudo do romance A obscena senhora D, de Hilda Hilst. (Mestrado em Literatura Brasileira e Teoria Literária). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1989.

TOLEDO, Christiane Vieira Soares. O estudo da escrita de si nos diários de Carolina Maria de Jesus: a célebre desconhecida da literatura brasileira. (Mestrado em Teoria da Literatura). Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2012.

VIDA POR ESCRITO. Vida por Escrito- Portal Biobibliográfico de Carolina Maria de Jesus. Disponível em: < <https://www.vidaporescrito.com/biografia> >. Acesso em 03 de outubro de 2016.

XAVIER, Elódia. Para além do cânone. In: RAMALHO, Christina (org.). Literatura e feminismo: proposta teóricas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Elo, 1999. p. 15-22.

## ANEXO I - PESQUISA SOBRE A PRODUÇÃO ACADÊMICA

**01**

CARRIJO, Fabiana Rodrigues.

Nas fissuras dos cadernos encardidos: o bordado testemunhal de Carolina Maria de Jesus. Uberlândia, 2012. Doutorado. Universidade Federal de Uberlândia. (Orientador: João Bôsko Cabral dos Santos).

**02**

DUARTE, Andrea Fricke.

H H da dispersão à suspensão. Rio Grande do Sul, 2011. Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (Orientador: Edson Luiz André de Sousa).

**03**

FERNANDEZ, Raffaella Andréa.

Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus. Campinas, 2015. Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. (Orientador: Vera Maria Chalmers).

**04**

GUIMARÃES, Cinara L. A obscena Senhora D, de Hilda Hilst, e as relações entre Eros, Tântatos e Logos. João Pessoa, 2007. Mestrado. Universidade Federal da Paraíba.

**05**

MARQUES, Fabiane Teixeira de Jesus.

As cores da nação: um estudo discursivo de artigos colocados em circulação pela mídia impressa sobre o novo lugar do "negro" no conjunto da sociedade nacional. Campinas, 2014. Pós-graduação. Universidade Estadual de Campinas. (Orientador: Carolina Maria Rodriguez Zuccolillo).

**06**

MELLO, Evelyn Caroline de.

Olhares femininos sobre o Brasil: um estudo sobre As meninas, de Lygia Fagundes Telles. Araraquara, 2011. Mestrado. Universidade Estadual Paulista, Júlio de Mesquita Filho I. (Orientador: Wilton Marques).

**07**

OLIANI, Nara Gonçalves.

As representações da mulher em As meninas, de Lygia Fagundes Telles. São José do Rio Preto, 2013. Mestrado. Universidade Estadual Paulista, Júlio de Mesquita Filho I. (Orientador: Arnaldo Franco Junior).

**08**

OLIVEIRA, Leandro Silva de.

Representações do corpo na obra de Hilda Hilst. Campinas, 2013. Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. (Orientador: Suzi Frankl Sperber).

**09**

RECCHIA, Cristal.

Perspectivas femininas em Helena Morley e Lygia Fagundes Telles: Minha vida de menina e As meninas. São José do Rio Preto, 2008. Mestrado. Universidade Estadual Paulista, Júlio de Mesquita Filho I. (Orientador: Maria Celia de Moraes Leonel).

**10**

ROCHA, Cleia da.

A obscena senhora A: a de absurdo. Londrina, 2012. Pós-graduação em Letras. Universidade Estadual de Londrina. (Orientadores: Volnei Edson dos Santos, Gabriel Giannatasio, Marta Dantas, José Fernandes Weber, Luiz Carlos Santos Simon).

**11**

RODRIGUES, Adriana Mattoso.

Silêncios e gritos, corpos e sexualidade: filhas e mães representando a repressão sexual em O espartilho, Verão no aquário e As meninas de Lygia Fagundes Telles. Brasília, 2011. Mestrado. Universidade de Brasília. (Orientador: Cíntia Carla Moreira Schwantes).

**12**

RODRIGUES, Vanessa Aparecida Ventura.

As marcas da memória na escrita de As meninas, de Lygia Fagundes Telles. Araraquara, 2014. Mestrado. Universidade Estadual Paulista, Júlio de Mesquita Filho I. (Orientador: Guacira Marcondes Machado Leite).

**13**

SILVA, Deurilene Sousa.

O indivíduo e as convenções coletivas em As meninas. Belém, 2008. Mestrado. Universidade Federal do Pará. (Orientador: Sílvio Augusto de Oliveira Holanda).

**14**

SILVA, Francisco Norberto Moreira da.

A velhice de dois grupos de idosos em Brasília: um olhar sobre envelhecimento, corpo, sexualidade e tempo em contraponto com o discurso da escritora Hilda Hilst. Doutorado. Universidade Fernando Pessoa. (Orientador: Daniel Seabra).

**15**

TIRLONI, Larissa Paula.

Carolina Maria de Jesus e a autorrepresentação literária da exclusão social na América Latina: olhares reversos aos de Eduardo Galeano e Octavio Paz. Foz do Iguaçu, 2014. Doutorado. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. (Orientador: Marcelo Marinho).

**16**

TODESCHINI, Maria Thereza.

O mito em jogo: um estudo do romance a obscena senhora D de Hilda Hilst. Santa Catarina, 1989. Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. (Orientador: Zahidé Lupinacci Muzard).